

UNIVERSIDADE TECNOLÓGICA FEDERAL DO PARANÁ
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ENSINO DE
CIÊNCIAS HUMANAS, SOCIAIS E DA NATUREZA

GRAZIELE MARIA FREIRE YOSHIMOTO

O PROCESSO DE PRODUÇÃO DE VÍDEOS NA CONSTRUÇÃO
DE CONCEITOS SOCIOLÓGICOS NA SALA DE AULA A PARTIR
DO PROTAGONISMO JUVENIL

DISSERTAÇÃO

LONDRINA

2016

GRAZIELE MARIA FREIRE YOSHIMOTO

**O PROCESSO DE PRODUÇÃO DE VÍDEOS NA CONSTRUÇÃO
DE CONCEITOS SOCIOLÓGICOS NA SALA DE AULA A PARTIR
DO PROTAGONISMO JUVENIL**

Dissertação de Mestrado Profissional
apresentado ao Programa de Pós-
Graduação em Ensino de Ciências
Humanas, Sociais e da Natureza
como requisito parcial para obtenção
de título de “Mestre em Ensino”- Área
de Concentração: Ciências Sociais.

Orientador: Prof. Dr. David da Silva
Pereira

LONDRINA

2016

TERMO DE LICENCIAMENTO

Esta Dissertação está licenciada sob uma Licença Creative Commons *atribuição uso não-comercial/compartilhamento sob a mesma licença 4.0 Brasil*. Para ver uma cópia desta licença, visite o endereço <http://creativecommons.org/licenses/by-nc-sa/4.0/> ou envie uma carta para Creative Commons, 171 Second Street, Suite 300, San Francisco, Califórnia 94105, USA.



Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Biblioteca UTFPR - Câmpus Londrina

Y65p Yoshimoto, Grazielle Maria Freire
O processo de produção de vídeos na construção de conceitos sociológicos na sala de aula a partir do protagonismo juvenil / Grazielle Maria Freire Yoshimoto. – Londrina : [s.n.], 2016.
85 f. : il. ; 30 cm.

Orientador: Prof. Dr. David da Silva Pereira.
Dissertação (Mestrado) - Universidade Tecnológica Federal do Paraná.
Programa de Pós-Graduação em Ensino de Ciências Humanas, Sociais e da Natureza. Londrina, 2016.
Bibliografia: f. 78-80.

1. Videoteipes na educação. 2. Sociologia - Estudo e ensino. 3. Direitos humanos. 4. Professores e alunos. 5. Integração na educação. I. Pereira, David da Silva, orient. II. Universidade Tecnológica Federal do Paraná. III. Programa de Pós-Graduação em Ensino de Ciências Humanas, Sociais e da Natureza. IV. Título.

CDD: 507



Ministério da Educação
Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Campus Londrina

Mestrado Profissional em Ensino de Ciências Humanas,
Sociais e da Natureza



TERMO DE APROVAÇÃO

O Processo de Produção de Vídeos na Construção de Conceitos Sociológicos
na Sala de Aula a Partir do Protagonismo Juvenil

por

GRAZIELE MARIA FREIRE YOSHIMOTO

Esta Dissertação foi apresentada às 14:00 horas em 17 de junho de 2016 como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Ensino de Ciências Humanas Sociais e da Natureza. A candidata foi arguida pela Banca Examinadora composta pelos professores abaixo assinados. Após deliberação, a Banca Examinadora considerou o trabalho aprovado.

Prof. Dr. Orientador David da Silva Pereira
(UTFPR- CP)

Profa. Dra. Ileizi Luciana Fiorelli Silva
(UEL)

Prof. Dr. Daniel Guerrini
(UTFPR-LD)

“A Folha de Aprovação assinada encontra-se na Coordenação do Programa de Mestrado em Ensino de Ciências Humanas, Sociais e da Natureza”

Dedico este trabalho a todas as
mulheres, mães, estudantes,
educadoras e trabalhadoras.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a minha família, em especial aos meus pais Ademir Freire e Maria José Freire que contribuíram nos cuidados com meu filho e sempre incentivaram a buscar o caminho do conhecimento. Ao meu esposo Elton Mitio Yoshimoto, por ser amigo, parceiro de vida e companheiro nos estudos. Ao meu filho Arthur Kenichi Yoshimoto, que um dia irá compreender o sentido desse esforço. Ao meu irmão Gabriel Gonçalves Freire e a minha cunhada Karen Cristina Valença da Silva por dividir os anseios relacionados à educação.

Em especial agradeço ao meu orientador professor Dr. David da Silva Pereira por acreditar na minha capacidade de realizar esse trabalho e estimular meus estudos sobre a Educação em Direitos Humanos.

Gostaria de deixar registrado também, o meu reconhecimento e agradecimento aos professores componentes da banca professora Dra. Ileizi Luciana Fiorelli da Silva e o professor Dr. Daniel Guerrini.

Agradeço a professora Ana Cleide Chiarotti Cesário por ser mentora na área das Ciências Sociais, amiga e companheira de pesquisas de campo sobre Memória e Patrimônio Cultural.

Agradeço aos amigos de graduação por trocar experiências durante os estágios, aos de mestrado, em especial a Jacqueline H. Armino, por favorecerem um debate multidisciplinar a respeito do ensino e da prática pedagógica e aos demais amigos que participaram de diálogos que cooperaram com o desenvolvimento desse trabalho.

Um agradecimento especial aos alunos aprendizes por colaborarem com o processo de produção dos vídeos, por também influenciarem com as mudanças da minha postura como educadora. São pessoas que não são números, não são objetos de pesquisa, foram sujeitos que construíram novos conhecimentos.

Agradeço também a instituição Epesmel por permitir o desenvolvimento dessa investigação e a UTFPR- Londrina por possibilitar meu ingresso em um curso de pós-graduação.

Enfim, a todos os que por algum motivo contribuíram para a realização desta investigação.

Direitos Humanos

Pense duas vezes antes de sair julgando,
Procure saber sobre os direitos humanos,
Lazer, saúde, educação.
Mas o que nos prejudica é a tal da corrupção
Me deparei caído no chão no meio da multidão
Ainda tenho esperança de um Brasil melhor
Porque não dá pra ficar pior.

A saúde tá quase em extinção, agora eu falo:
Da educação, porque sem trégua cada ano
Que passa os professores fazem mais greves
“mas eu entendo o lado dos professores
Que aqueçam as dores de cabeça”.

“Por causa daquele aluno bagunceiro
Que faz Bagunça o ano inteiro”
Eu falo agora da saúde que tá indo de mal pra pior
O que eu quero é um Brasil melhor
Sem corrupção e com mais direitos
Que nos tornam humanos
Sem os defeitos.

Crítica franca, então pense muito bem
Antes de votar em qualquer político.

(Alex, iniciação profissional, 2015).

RESUMO

YOSHIMOTO, Grazielle Maria Freire. **O Processo de Produção de Vídeos na Construção de Conceitos Sociológicos na sala de aula a partir do Protagonismo Juvenil**. 2016. 85 f. Dissertação apresentada no Mestrado Profissional em Ensino de Ciências Humanas Sociais e da Natureza - Universidade Tecnológica Federal do Paraná. Londrina, 2016.

Esta investigação tem por objetivo desenvolver um produto educacional tecnológico que possa contribuir no desenvolvimento de conceitos próprios da Sociologia, por meio da produção de vídeos em sala de aula e da promoção do protagonismo juvenil. Para tanto, partiu-se da pesquisa qualitativa que procurou promover a participação dos jovens aprendizes na produção de vídeos em sala de aula. Esses jovens, em colaboração com a professora investigadora, produziram vídeos de diferentes temas relacionados ao eixo Direitos Humanos. Para isso, foram consolidadas práticas pedagógicas relacionadas a didática Histórico-crítica de João Luiz Gasparin (2012). Nesse contexto, as propostas específicas do Ensino de Sociologia foram orientadoras para que os alunos aprendizes construíssem novas relações com os saberes, algo previsto na Educação em Direitos Humanos (EDH). Serviram como fundamentação teórica as concepções de Borba (1999), Rizinni (1999) e Oliveira & Oliveira (1999) quanto a pesquisa participante, Silva (2009a; 2009b), Moraes (2010), Paraná (2008) e Brasil (2006) a respeito do Ensino de Sociologia, Moran (2000), Borba (1999), Costa (2005) e Rojo (2012) para retratar a importância das TIC nos espaços escolares. Espera-se com essa dissertação, oferecer uma contribuição para novos estudos a respeito do Ensino de Sociologia e do protagonismo juvenil na construção de novos conceitos e conhecimentos sobre a vida em sociedade.

Palavras-chave: Educação em Direitos Humanos. Ensino de Sociologia. Protagonismo Juvenil. Produção de vídeos. Dignidade Humana.

ABSTRACT

YOSHIMOTO, Grazielle Maria Freire. **The Video Production Process in the Construction of Sociological Concepts in the classroom from Youth Protagonism**. 2016. 85 f. Dissertation presented to the Professional Masters in Education Humanities, Social and Nature - Federal Technological University of Paraná, Londrina. 2016.

This investigation aims at developing a technological educational product that can contribute to the development of own concepts of sociology, through the production of videos in the classroom and the promotion of juvenile protagonism. Therefore, we started with the qualitative research which sought to promote the participation of young apprentices in the production of videos in the classroom. These young people, in collaboration with the researcher teacher, produced videos of different topics related to the axis Human Rights. For this, were consolidated pedagogical practices related to History-Critical didactic of João Luiz Gasparin (2012). In this context, the specific proposals of the Sociology Teaching were guiding in order that apprentices students build new relationships with knowledge, something provided in Human Rights Education (HRE). Served as theoretical basis the concepts of Borba (1999), Rizinni (1999) and Oliveira & Oliveira (1999) about the participatory research, Silva (2009a; 2009b), Moraes (2010), Parana (2008) and Brazil (2006) concerning the Sociology teaching, Moran (2000), Borba (1999), Costa (2005) and Rojo (2012) to portray the importance of ICT in school spaces. It is hoped with this dissertation, offer a contribution to further studies on the Sociology Teaching and youth protagonism in the construction of new concepts and knowledge about life in society.

Keywords: Human Rights Education. Sociology Teaching. Youth Protagonism. Videos Production. Human Dignity.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Gráfico Diagnóstico da Prática Social Inicial	51
Figura 2: Alunos Iniciação Profissional.....	55
Figura 3: Alunos aprendizagem.....	55
Figura 4: Alunos Iniciação	56
Figura 5: Aluno Aprendizagem	56
Figura 6: Cartaz Auxiliar 10	56
Figura 7: Cartaz Auxiliar 10	57
Figura 8: Cartaz Iniciação.....	57
Figura 9: Cartaz Auxiliar 09	57
Figura 10: Roteiro de Orientação para a Produção dos Vídeos	58
Figura 11: APRENDIZAGEM HISTÓRICO-CRÍTICA	68
Figura 12: PRODUTO EDUCACIONAL-Processo	69
Figura 13: Sala de Vídeos - Mostra de Projetos.....	70
Figura 14: Entrada Sala de Vídeos - Mostra de Projetos	71

LISTA DE SIGLAS

CMDCA	Conselho Municipal da Criança e do Adolescente
CUFA	Central Única das Favelas
DH	Direitos Humanos
DCE- Sociologia	Diretrizes Curriculares da Educação Básica- Sociologia
EDH	Educação em Direitos Humanos
ECA	Estatuto da Criança e do Adolescente
EJ	Estatuto da Juventude
Epesmel	Escola Profissional e Social do Menor de Londrina
OCEM	Orientações Curriculares para o Ensino Médio de Sociologia
PL	Projeto de Lei
TIC	Tecnologia da Informação e Comunicação

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	11
2. APROXIMAÇÕES TEÓRICAS: AULAS DE SOCIOLOGIA, DIREITOS HUMANOS, VÍDEOS E PROTAGONISMO JUVENIL	20
3. METODOLOGIAS ATIVAS: PEDAGOGIA HISTÓRICO-CRÍTICA, DIREITOS HUMANOS E A PESQUISA PARTICIPATIVA	38
4. REFLEXÃO SOBRE O PROCESSO DA APLICAÇÃO DO PRODUTO TECNOLÓGICO EDUCACIONAL	48
4.1. Pré-produção de vídeo	50
4.2. A produção dos vídeos em sala de aula.....	60
4.2.1. Análise do vídeo 1: direito à diversidade de gênero	62
4.2.2. Análise vídeo 2: a questão do feminismo	64
4.2.3. Análise do vídeo 3: direitos humanos	66
4.3. Considerações gerais sobre o processo de produção de vídeos	68
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	72
REFERÊNCIAS	76
APÊNDICES.....	79

1. INTRODUÇÃO

A construção de conhecimentos que levam o indivíduo a refletir sociologicamente sobre as relações sociais diárias colabora com o desenvolvimento de um novo olhar sobre o mundo. Assim, na atualidade, a construção de conceitos sociológicos pode ocorrer de diferentes maneiras, em tempos e espaços diversos, bem como a partir das experiências vividas pelos sujeitos sociais.

Nesse contexto, Bauman e May (2010) apresentam a Sociologia como uma ciência importante para a construção de novos conhecimentos, produzidos a partir de conceitos sociológicos. Esses conceitos se diferenciam de pensamentos de senso comum, uma vez que:

A sociologia é um olhar disciplinado que analisa “como” procedemos em nossa vida cotidiana e aloca os detalhes oriundos dessa análise em um “mapa” que se estende para além de nossas experiências imediatas. Podemos então ver como os territórios que habitamos se encaixam e se relacionam com um mundo que não temos a oportunidade de explorar sozinhos, mas que, não obstante, pode conformar e estruturar nossa vida. (BAUMAN; MAY, 2010, p.265)

Os autores destacam que a Sociologia como uma área de estudo particular atribuí sentido racional e interpretativo de analisar a vida social. Assim, nunca se satisfaz. Para eles a Sociologia é um “comentário permanente das experiências surgidas em relações sociais e uma interpretação dessas experiências com referência aos outros” (BAUMAN & MAY, 2010, p. 285).

A Sociologia pode ser compreendida como uma ciência particular, pois colabora no desenvolvimento de interpretações a respeito das relações sociais antagônicas. Por isso, a partir das inspirações dessa ciência, essa investigação teve como princípio desenvolver o protagonismo de jovens na construção de conceitos sociológicos. O desenvolvimento desse protagonismo é importante no contexto escolar, já que atualmente a sociedade vem exigindo, com maior frequência, atitudes de autonomia no processo de aprendizagem dos sujeitos.

Para Freire (2000), a autonomia do educando deve ser respeitada, uma vez que ensinar não é transmitir conhecimentos. De acordo com esse autor,

o respeito à autonomia e à dignidade de cada pessoa é um imperativo ético. Assim, o papel do educador é estimular a curiosidade e a autonomia dos jovens.

A aprendizagem a partir das novas tecnologias colabora com a constituição da autonomia dos educandos e com o estímulo de curiosidades.

Pedro Demo (2009), ao discutir as influências das Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC) nos ambientes escolares, destaca a importância de serem criados caminhos para o protagonismo de alunos no processo de ensino-aprendizagem. Para ele, isso é essencial no contexto social atual, pois:

Se as novas tecnologias não inventaram a aprendizagem, trouxeram, por outra, muitas novidades úteis à aprendizagem. A primeira é a noção de “aprendizagens” ou de “multialfabetizações” (Cope/Kalantzis, 2000), ou, ainda de “discurso multimodal” (Kress/Leeuwen, 2001). No computador a criança não só “lê” textos, mas lida com outras formas de expressão, como imagem e som, animação, comunicação, interatividade, modulações que lhe parecem muito mais próprias de seu modo de ser (DEMO, 2009, p.62).

Com o intuito de aproximar essas relações que ocorrem no dia a dia, são empregadas as TIC nos espaços da Educação Básica. Dessa maneira, para que sejam estruturadas metodologias pedagógicas capazes de consolidar o Ensino de Sociologia na Educação Básica, a finalidade dessa investigação é empregar TIC em sala de aula a partir da produção de vídeos.

O objetivo produzir vídeos com os educandos é o de auxiliar na constituição de novos saberes e na consolidação da autonomia dos indivíduos envolvidos nesse processo de ensino-aprendizagem. Dessa forma, a produção dos vídeos está relacionada à proposta denominada Pedagogia Histórico-Crítica, já que esta prevê a participação ativa de todos os sujeitos envolvidos na construção de conceitos sociológicos, capaz de realizar análises reflexivas sobre as relações sociais e, de fato participar concretamente da sociedade na qual pertençam.

Para tanto, investigou-se como a produção de vídeos pode ser empregada nas aulas de Sociologia de modo a tornar os jovens aprendizes protagonistas desse processo. A questão central que orienta essa investigação se caracteriza por tentar compreender como a inclusão de tecnologias no espaço

escolar colabora para o desenvolvimento do processo de ensino-aprendizagem. Do mesmo modo, que busca analisar novas práticas metodológicas que são consideradas inovadoras no que diz respeito ao Ensino de Sociologia.

Esse problema de investigação apresenta duas hipóteses:

A primeira hipótese é a de que esse processo de ensino permite a construção da autonomia do aluno, a fim de que ele se reconheça como sujeito e produtor de saberes. Essa autonomia somente é consolidada nos ambientes de aprendizagem quando existem situações de reflexões provocadas pelo professor mediador (FREIRE, 2000).

A segunda hipótese é a de que a elaboração de vídeos em sala de aula fortalece a consolidação dos princípios da Educação em Direitos Humanos (EDH), por dialogar com a formação ética, crítica e política dos sujeitos de direitos. A EDH tem a finalidade de implementar os princípios da dignidade humana, da igualdade de direitos, do reconhecimento e valorização das diferenças, da laicidade do Estado, da democracia na educação, da transversalidade e interdisciplinaridade dos valores éticos, por fim, da sustentabilidade socioambiental dos espaços públicos (BRASIL, 2012, p. 9-10).

A proposta da investigação foi desenvolvida em aulas de Formação Humana, ministradas para alunos da Escola Profissional e Social do Menor de Londrina (EPESMEL) que oferta cursos de qualificação profissional para adolescentes e jovens. Essa instituição de ensino é administrada pelo Instituto Leonardo Murialdo, que possui sede em diferentes regiões do país. As ações educacionais propostas pela instituição preveem a proteção e a garantia dos direitos de crianças e jovens que se encontram em situações de vulnerabilidade social.

O reconhecimento da consciência crítica e autônoma no processo de ensino-aprendizagem é considerado essencial para o fortalecimento da EDH, pois, entre seus objetivos, destaca-se “formar crianças, jovens e adultos para participar ativamente da vida democrática e exercer seus direitos.” (BRASIL, 2012, p. 2).

Dessa forma, o conteúdo disciplinar trabalhado para a produção dos vídeos nas aulas do curso de Formação Humana foi relacionado às reflexões propostas pela EDH, bem como pelo Ensino de Sociologia.

Nesse sentido, foi necessário conhecer as particularidades relacionadas aos recursos pedagógicos, para produzir sentidos humanísticos e integrador ao usar novas tecnologias. A professora investigadora e os alunos aprendizes realizaram uma análise a respeito do aprendizado por meio da mídia, bem como as vantagens e desvantagens dos meios de comunicação no cotidiano. Essa prática permitiu ainda uma reflexão sobre as relações histórico-sociais e o desenvolvimento de uma consciência coletiva por meio da construção de conceitos sociológicos.

Portanto, foi fundamental o uso da TIC, em especial a produção de vídeos, pois as novas tecnologias é um meio de convidar os alunos para a construção de um novo saber.

Compreende-se que a utilização e elaboração de vídeos em sala de aula, possa ser um objeto de pesquisa importante para uma reflexão sobre a utilização de novas tecnologias como instrumento pedagógico. A construção desses vídeos pode auxiliar o processo de ensino-aprendizagem vivenciados por alunos e professores, contribuindo na troca de conhecimento.

A televisão e o vídeo são ótimos recursos para mobilizar os alunos em torno de problemáticas quando se tenta despertar-lhes o interesse para iniciar estudos sobre determinados temas ou trazer novas perspectivas para investigações em andamento. Assim, pode-se buscar temas que se articulam com os conceitos envolvidos nos projetos em desenvolvimento, selecionar o que for significativo para esses estudos, aprofundar a compreensão sobre estes, estabelecer articulações com informações provenientes de outras mídias, desenvolver representações diversas que entrelaçam forma e conteúdo nos significados que os alunos atribuem aos temas. (ALMEIDA, 2005, p. 41).

Considera-se que na atualidade a escola busca atribuir novos sentidos sobre seu papel na sociedade, por estar imersa na era da informação, entende que seus alunos são agentes participantes da sociedade moderna.

Buscou-se desenvolver as atividades desta investigação de modo a considerar o uso de vídeos em sala de aula como instrumentos para promover aos alunos o espírito crítico próprio do Ensino de Sociologia. Acredita-se assim, que a produção de vídeos objetivados pelos educandos não só contribui para a inclusão na cultura tecnológica, mas também amplia a formação de cidadãos

conscientes e motivados a prender os conteúdos escolares, sendo capaz de promover também indivíduos participantes da vida em sociedade, no que diz respeito as relações econômicas, políticas e culturais.

Dessa forma, para atingir tais propósitos os alunos aprendizes da EPESMEL foram convidados a produzir vídeos a partir do eixo Direitos Humanos (DH). Trata-se de um grupo de aproximadamente 120 alunos. Essa instituição oferta o curso de Auxiliar Administrativo para um grupo maior de 780 aprendizes, que estudam no período matutino e vespertino.

Essa instituição de ensino, conta com um apoio de indivíduos da sociedade civil e de grupos sociais que participam ativamente na criação de caminhos para a formação política, educacional, ética e cidadã dos atendidos nos diferentes programas ofertadas pela escola. Como pode ser observado no texto do Plano Político Pedagógico do Curso de Qualificação e Aprendizagem Profissional:

O trabalho pedagógico tem o objetivo de articular o processo de ensino e aprendizagem, de forma a contribuir para formação de adolescentes de modo que os leve à prática da ética e da cidadania, que saibam fazer novas leituras de mundo e tomar decisões e intervir de forma positiva na sociedade, através da oportunidade do direito a profissionalização garantido na Constituição Federal de 88, no ECA (Estatuto da Criança e do Adolescente) e no estatuto da Juventude. O trabalho pedagógico busca em sua prática social de forma a aproximar todos os envolvidos no processo educativo, pois todos são sujeitos no processo educacional (EPESMEL, 2014, p. 15).

Nessa instituição, são ofertados dois programas sociais: 1) Convivência e Fortalecimento de Vínculos, 2) Qualificação e Aprendizagem Profissional. Essa pesquisa foi realizada com os educandos da aprendizagem profissional.

Esses jovens têm idade entre 15 e 19 anos e possuem diferentes realidades socioeconômicos. Em sua maioria, são pessoas desprovida de acesso à direitos considerados básicos como: a alimentação, a saúde, o trabalho, entre outros.

Esses jovens vivenciam as desigualdades sociais, políticas, econômicas e culturais. Por isso, procuram na Epesmel a oportunidade de

ocupar seus tempos por meio da qualificação profissional e de transformar suas situações sociais desiguais. Isso, caracteriza o que Abad (2008) destaca como realidade de jovens de classes populares que:

gozam de abundante tempo livre, embora se trate de um tempo de espera, vazio, em virtude da falta de trabalho, de estudo e de alternativas de um ócio criativo e vitalmente enriquecedor. Não é um tempo legitimado e valorizado socialmente pela família e pelos pares, mas sim o tempo da angústia e da impotência, o tempo da estigmatização social, um tempo que empurra na direção da marginalidade e da exclusão, o tempo do ficar 'marcando bobeira' numa esquina (ABAD, 2008, p. 26).

Os alunos aprendizes, vêm de famílias de classes populares que consideram a Epesmel uma instituição de ensino que promove, não só a oportunidade do primeiro emprego, mas também a constituição de valores sociais importantes para a vida em sociedade. Nesse sentido, muitos pais participam de ações proposta pela instituição que possibilita o fortalecimento de vínculos, como o caso de festas comemorativas e de celebrações que arrecadam recursos para manter os projetos sociais ofertados.

Esses alunos aprendizes são jovens que buscam a garantia do direito ao primeiro emprego e de uma atuação participativa nas relações sociais do mundo do trabalho, pois há uma dificuldade da inserção desses jovens nas relações de trabalho. Por isso, Leite (2008) firma que

Trata-se do trabalho como direito e um componente essencial da formação do jovem, como indivíduo e cidadão. Esse reconhecimento parece tropeçar na realidade do mercado. De um lado, mudanças tecnológicas, organizacionais e políticas têm levado à redução da oferta do trabalho e aumento de requisitos para a contratação (idade, escolaridade, experiência). De outro lado, cresce a participação de jovens na PEA à procura de trabalho (LEITE, 2008, p. 157).

Dessa maneira, esses jovens buscam na Epesmel uma formação humana e cidadã.

Durante a investigação, foram levantados os seguintes questionamentos para eles: 1) O que vocês estão fazendo aqui? 2) Por que vocês querem ingressar no mundo do trabalho?

Os alunos aprendizes responderam na primeira pergunta durante as atividades e a realização de dinâmicas, que estão na Epesmel a procura de

emprego e de um curso que promova a qualificação profissional. Aqueles aprendizes que já realizavam o curso a mais tempo, como o caso das turmas de Aprendizagem e Auxiliar Administrativo, destacam que as disciplinas e os educadores contribuem também na construção de uma consciência crítica sobre seus papéis sociais, além de integrar os conteúdos estudados com o mundo do trabalho.

Para responder a segunda pergunta, os alunos aprendizes descreveram a importância da independência financeira nos dias atuais. Eles relataram que já namoram e querem adquirir aquilo que desejam e necessitam. Consideram ainda o acesso ao mundo do trabalho como uma oportunidade para ajudar suas famílias nos gastos diários para a sobrevivência. Esses aprendizes, narraram que os pais os incentivaram a fazer a matrícula na Epesmel para ingressarem no primeiro emprego.

Os alunos aprendizes, que participaram dessa investigação se apresentaram como sujeitos que manifestam signos sociais próprios da juventude. Assim, foi possível registrar que eles falam determinada linguagem a partir de uma comunicação de redes sociais, que vai além do espaço da instituição escolar. Dessa maneira, se identificam com alguns educadores por causa da idade, dos pontos de encontros e dos objetivos de estudos, uma vez que muitos desejam ou já ingressaram na Universidade.

A maioria dos alunos aprendizes que trabalham ainda cursam o Ensino Médio. Há também aqueles que entraram na Universidade em diferentes cursos como: Direito, Engenharia, Administração, Artes Cênicas, entre outros. Dessa maneira, eles precisam conciliar os horários de estudo com as responsabilidades do trabalho e do curso profissional. Assim, aqueles jovens que estão terminando o ensino regular, projetam nas aulas do curso de aprendizagem profissional uma oportunidade para se prepararem para o acesso na Educação Superior.

Há ações na Epesmel que colaboram para que os alunos atuem como sujeitos políticos. Assim, parte dos alunos que contribuíram com o desenvolvimento dessa investigação participam ativamente do Conselho Municipal da Criança e do Adolescente (CMDCA) de Londrina-PR, além de ter jovens representantes no Central Única das Favelas (CUFA) do Paraná. A partir dessas participações, esses jovens buscam criar estratégias para ampliar seus

direitos sociais relacionados à questão racial, à acesso ao mundo do trabalho, ao debate sobre gêneros, entre outros.

A partir da pesquisa participante, os alunos aprendizes se apresentaram como sujeitos de desejos, relacionados ao ingresso no mundo do trabalho e a continuação de seus estudos, mesmo depois de concluir o Ensino Médio.

Compreender e integrar as ações educacionais empregadas por essa instituição foi essencial na aplicação do produto tecnológico educacional proposto durante essa investigação, tendo em vista a ocorrência de diálogos entre os eixos de atuação da Epesmel e as reflexões que ocorriam durante os estudos. Assim, destaca-se a construção de uma consciência crítica, reflexiva e ética pelos alunos aprendizes, contribuindo no desenvolvimento de sua autonomia.

Essa investigação está organizada em Aproximações Teóricas, Metodologia Ativas, Reflexões sobre a aplicação do produto educacional e Considerações Finais.

Nas Aproximações Teóricas, há uma apresentação dos debates relacionados à Ciências Sociais e ao Ensino de Sociologia, como orientadores de práticas de ensino voltado para a construção de novos conhecimentos por meio de tecnologias. Nesse contexto, foi essencial analisar os princípios da EDH e da importância da participação dos jovens na produção de vídeos.

Nas Metodologias Ativas, é apresentada a proposta da pesquisa participante e o passo a passo da implementação do produto tecnológico educacional. Por isso, nesse espaço houve uma descrição de como foi pensado a produção de vídeos por meio da interação entre a professora investigadora e os alunos aprendizes.

No capítulo destinado às Reflexão sobre a Aplicação do Produto Tecnológico Educacional, foram descritas as atividades, os trabalhos e o processo de produção dos vídeos. Assim, há apresentação das análises e das reflexões a partir da implementação dessa investigação que propôs a construção de conceitos sociológicos por meio da produção de vídeos sobre o eixo Direitos Humanos.

Ao final, nas Considerações Finais, são retomadas as questões e as respostas fundamentais que a investigação ofereceu.

Observe-se que os alunos aprendizes cooperaram continuamente nesse processo de construção e de aplicação/implementação do produto tecnológico educacional.

2. APROXIMAÇÕES TEÓRICAS: AULAS DE SOCIOLOGIA, DIREITOS HUMANOS, VÍDEOS E PROTAGONISMO JUVENIL

Televisão e vídeo nos seduzem, informam, entretêm, projetam em outras realidades (no imaginário), em outros tempos e espaços. (MORAN, 2009, p. 38)

Este capítulo tem por objetivo apresentar o marco teórico desta investigação. Tal esforço diz respeito a construção de conceitos sociológicos a partir da produção de vídeos em sala de aula, por meio do protagonismo juvenil. São sujeitos desta investigação tanto a professora investigadora quanto os alunos aprendizes que atuam diretamente no diálogo e na constituição de novos saberes.

Serão apresentados os autores e as ideias fundamentais que sustentam a investigação. Parte-se da ideia de oferecer uma contribuição ao Ensino de Sociologia por meio do desenvolvimento e da implementação de um produto tecnológico educacional, capaz de subsidiar a prática docente e promover a autonomia dos alunos aprendizes. Em um segundo momento, o eixo Direitos Humanos (DH) será contextualizado no âmbito das Diretrizes Curriculares da Educação Básica – Sociologia (DCE- Sociologia) e como orientador de um conjunto de temas que serão objetos do processo de produção de vídeos. Em um terceiro ponto, esse instrumental, consistente no emprego de Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC) para a produção de vídeos, será situado como uma das possibilidades metodológicas do Ensino de Sociologia para promoção da autonomia, da cidadania e do papel ativo dos alunos aprendizes na sociedade.

O Ensino de Sociologia é desenvolvido por fundamentos metodológicos específicos e está organizado por dois campos de estudo: as Ciências Sociais e a Educação (Silva, 2009a, p. 15). Ao considerar as análises de Silva (2009b, p. 65), é possível compreender que o objetivo do Ensino de Sociologia é garantir o desenvolvimento de uma postura intelectual dos indivíduos, já que permite diferentes reflexões acerca da vida social na qual estão inseridos.

Por isso, entender o processo de ensino-aprendizagem no contexto da formação de cidadãos é fundamental para desenvolver novas metodologias

de ensino específicas para as Ciências Sociais, como contribuição ao Ensino de Sociologia.

Amaury Moraes (2010) afirma que uma das principais finalidades do Ensino de Sociologia é possibilitar ao indivíduo o desenvolvimento de um novo olhar sobre a vida em sociedade, analisando as relações sociais cotidianas que muitas vezes provocam diferentes formas de desigualdades.

O Ensino de Sociologia a Educação Básica, é constituído por um processo histórico peculiar de implementação nos currículos escolares e tornou-se obrigatório em 2008. No país, há um debate tradicional a respeito da organização e da obrigatoriedade desse ensino nas escolas públicas, especialmente no Ensino Médio, que teve início em 1954 com a apresentação de Florestan Fernandes no I Congresso Brasileiro de Sociologia. (MORAES, 2003).

Nos dias atuais, esse debate permite o desenvolvimento de estudos sobre a produção de novas práticas pedagógicas específicas para esse ensino, por isso muitos autores têm apresentado reflexões que dialogam com os seguintes questionamentos: 1) o que ensinar na disciplina Sociologia? 2) como ensinar Sociologia? 3) para que ensinar Sociologia?

Com base nesses questionamentos, as Orientações Curriculares para o Ensino Médio de Sociologia (OCEM-Sociologia), publicadas em 2006, oferecem algumas respostas que aprofundam o debate, uma vez que apresenta que um dos objetivos da educação é formação da pessoa para o exercício da cidadania. Dessa maneira, a OCEM-Sociologia destaca que “sempre estão presentes nos conteúdos de ensino da sociologia temas ligados à cidadania, à política em sentido amplo” (BRASIL, 2006, p.104).

A partir da leitura da OCEM-Sociologia, pode-se entender que o ensino não se restringe ao *slogan* “formar o cidadão crítico”, por colaborar com a construção da pessoa numa perspectiva reflexiva e consciente do seu papel na sociedade. Assim, esse documento relata que por meio desse ensino o jovem se aproxima de uma linguagem especial que sistematiza debates acerca de temas cotidianos. Esse documento ainda descreve que a Sociologia é como um:

espaço de realização das Ciências Sociais na escola média, pode oferecer ao aluno, além de informações próprias do campo dessas ciências, resultados das pesquisas as mais diversas, que acabam modificando as concepções de mundo, a economia, a sociedade e o outro, isto é, o diferente – de outra cultura, “tribo”, país, etc. Traz também modos de pensar [...] ou a reconstrução e desconstrução de modos de pensar. É possível, observando as teorias sociológicas, compreender os elementos da argumentação – lógicos e empíricos – que justificam um modo de ser de uma sociedade, classe, grupo social e mesmo comunidade. Isso em termos sincrônicos ou diacrônicos, de hoje ou de ontem (BRASIL, 2006, p. 58).

Para as OCEM-Sociologia, a linguagem da Sociologia deve ser trabalhada em sala de aula por meio de uma perspectiva contextualizada, relacionando a apresentação e construção de conceitos com as teorias e temas estudados especificamente por essa ciência social. Por isso, durante a pesquisa, foi considerada a possibilidade de jovens aprendizes construírem conceitos sociológicos. Nesse caso, direcionados a partir de uma reflexão a respeito dos DH.

As OCEM-Sociologia relata que trabalhar com conceitos sociológicos permite a vantagem de o aluno desenvolver uma capacidade de analisar a sociedade. Além disso, eleva o conhecimento produzido para um:

patamar além do senso comum ou das aparências. Um conceito é um elemento do discurso científico que consegue sintetizar as ações sociais para poder explicá-las como uma totalidade. Além disso, a importância de se trabalhar com conceitos é que se pode desenvolver nos alunos o domínio de uma linguagem específica, a linguagem científica, no caso a sociológica, no tratamento das questões sociais. (BRASIL, 2006, p. 118)

Ainda que a instituição escolar que acolhe os alunos aprendizes não funcione como uma escola regular, pois oferece formação diversa daquela objeto das DCE-Sociologia, publicadas em 2008 no Paraná, que tem por objetivo formar para a cidadania e para o mundo do trabalho. Essas Diretrizes destacam, entre outros pontos, a importância de ser estudado nos espaços escolares conceitos sociológicos que permitam aos educandos um despertar de consciência. Além disso, para aprender e ensinar Sociologia, é necessário oferecer aos alunos um posicionamento teórico e metodológico capaz de se posicionar frente à realidade social, como pode ser observado no seguinte trecho das DCE:

Estudar, aprender e ensinar Sociologia exige posicionamentos teórico-metodológicos claros e concisos e também um posicionar-se frente à realidade apresentada pelo conhecimento produzido. Não é esta uma questão de aplicação direta, pragmática ou de ordenamento social, mas um “fazer avançar” ideias em relação aos fenômenos sócio históricos. São as explicações, as interpretações sobre o real que fornecem os instrumentos para o mundo ser transformado, recriado em novas bases. A forma de agir metodologicamente no ensino da Sociologia em nível médio aproxima estudantes e professores nas indagações e esses da realidade social devolvendo o conhecimento científico. Cabe ao ensino das diversas disciplinas curriculares no Ensino Médio e, também da Sociologia, despertar a consciência da força dessas mudanças. (PARANÁ, 2008, p. 99).

Com a análise desse documento, há a compreensão de que existem diferentes maneiras de aprender conceito sociológicos, desde que se tenha a clareza dos objetivos da produção de determinados conhecimentos. Assim, um dos objetivos específicos desta investigação foi o de construir com os jovens aprendizes a autonomia no processo de criação de um novo saber. Esse processo é previsto nas DCE-Sociologia, que descreve como um dos instrumentos de avaliação do Ensino de Sociologia é atentar para:

a construção da autonomia do educando, acompanham as próprias práticas de ensino e aprendizagem da disciplina e podem ser registros de reflexões críticas em debates, que acompanham os textos ou filmes; participação nas pesquisas de campo; produção de textos que demonstrem capacidade de articulação entre teoria e prática, dentre outras possibilidades (PARANÁ, 2008, p. 98).

Para Paulo Freire (2000), a constituição da autonomia na construção de conhecimentos está relacionada ao conceito de curiosidade epistemológica. Segundo esse autor, é papel do educador estimular a busca pela curiosidade e proporcionar ao educando oportunidades de exercer suas capacidades de aprender. De acordo com Freire, historicamente:

era possível ensinar como tarefa não apenas embutida no aprender, mas perfilada em si, com relação a aprender, é um processo que pode torna-lo mais e mais criador. O que eu quero dizer é o seguinte: quanto mais criticamente exerce a capacidade de aprender tanto mais se constrói e se desenvolve o que venho chamando de ‘curiosidade epistemológica’ sem a qual não alcançamos o conhecimento cabal do objeto. É isto que nos leva, de um lado, à crítica e à recusa ao ensino ‘bancário’ (FREIRE, 2000, p. 27).

Esse autor destaca que a educação bancária é aquela que deforma a capacidade de criatividade do educador e dos educandos, na qual o conhecimento escolar é somente transmitido e não recriado a partir das vivências cotidianas dos sujeitos sociais. Por isso, para Freire (2000), é necessário manter viva a curiosidade dos alunos e estimular suas capacidades de aprender.

Assim:

O necessário é que, subordinado, embora, à prática 'bancária', o educando mantenha vivo em si o gosto da rebeldia que, aguçando sua curiosidade e estimulando sua capacidade de arriscar-se, de aventura-se, de certa forma o 'imuniza' contra o poder apassivador do 'bancarismo' [...] Esta é uma das vantagens dos seres humanos – a de se terem tornando capazes de ir mais além de seus condicionantes. (FREIRE, 2000, p. 28)

Freire (2000, p. 76) ainda acrescenta que ensinar exige apreensão da realidade para que os alunos intervenham de maneira ativa na transformação da sociedade, considerada antagônica. De tal modo, concebe “a capacidade de aprender, não apenas para nos adaptar, mas sobretudo para transformar a realidade, para nela intervir, recriando-a”.

Com o desenvolvimento dessa pesquisa, compreendeu-se que o Ensino de Sociologia auxilia o desenvolvimento de análises sobre as práticas pedagógicas que apreendem a realidade social de maneira particular, bem como reflete a respeito de como esses métodos de ensino contribuem para o fortalecimento de uma Educação em Direitos Humanos (EDH). Por isso, considerar a EDH, especialmente nessa área de estudo, possibilita compreender a importância de ações estabelecidas no ambiente escolar, que se caracterizam como democrática, de modo a valorizar a cidadania dos agentes envolvidos no processo de ensino-aprendizagem.

Nesse sentido, o Ensino de Sociologia está diretamente ligado aos princípios da EDH por buscar desenvolver práticas pedagógicas que permitem a formação da pessoa humana e do cidadão. É importante destacar que de acordo com a EDH o conceito cidadania é algo essencial para a vida em sociedade, por constituir a dignidade dos indivíduos.

O Parecer CNE/CP nº. 08/2012 descreve que há uma necessidade de criar ações para a realização da EDH. Tal documento tem função de orientar os currículos escolares. Nesse texto, é considerada a ação protagonista dos

sujeitos sociais na produção de saberes e uma consciência política e cidadã como objetivos da formação. Dessa maneira, uma das finalidades da EDH é que a pessoa ou grupo social, reconheça-se como sujeito de direitos, capaz de exercê-los e promovê-los a partir da participação política.

Tal documento ainda aponta que:

Nesse horizonte, a finalidade da Educação em Direitos Humanos é a formação para a vida e para a convivência, no exercício cotidiano dos Direitos Humanos como forma de vida e de organização social, política, econômica e cultural [...] (BRASIL, 2012, p. 10).

De acordo com esse Parecer, o ambiente educacional deve ser compreendido como o espaço e o tempo da EDH. É preciso considerar, nos ambientes educacionais, a troca de experiências pessoais e coletivas, já que a EDH não deve ser compreendida como textos, declarações e códigos, pois:

Trata-se de um processo que se recria e reelabora na intersubjetividade, nas vivências e relações dos sujeitos, na relação com o meio ambiente, nas práticas pedagógicas e sociais do cotidiano e nos conflitos sociais, constituindo-se, assim, num modo de orientação e condução da vida. (BRASIL, 2012, p. 11)

A EDH será constituída efetivamente nos espaços escolares como uma possibilidade de contribuir para tornar a escola em um lugar democrático, a partir do desenvolvimento de metodologias de ensino que contemplem os conceitos de cidadania e de dignidade humana. Assim, o Parecer CNE/CP nº. 08/2012 define a escola democratizante como a responsável por assumir o compromisso de formar atores sociais conscientes do seu papel na sociedade em que vivem. Por isso, denomina essa escola como:

aquela que assume o compromisso de formar os indivíduos para serem atores sociais, ensina a respeitar a liberdade do outro, os direitos individuais, a defesa dos interesses sociais e valores culturais, objetivando o combate a todos os tipos de preconceito e discriminações com qualquer segmento da sociedade. (BRASIL, 2012, p. 13)

Para seguir nesse caminho potencialmente emancipatório de alunos e de educadores, a EDH tem lugar na escola, instituição que é o espaço e o tempo da formação humanizadora (BRASIL, 2012, p. 11), pois:

Um ambiente educacional promotor dos Direitos Humanos liga-se ao reconhecimento da necessidade de respeito às diferenças, garantindo a realização de práticas democráticas e inclusivas, livres de preconceitos, discriminações, violências, assédios e abusos sexuais, dentre outras formas de violação à dignidade humana (BRASIL, 2012, p. 11).

Respeitar as diferenças é compreender a necessidade de respeito ao outro, mas também digno, apesar de diversos. A EDH ajuda nesse processo de humanização dos sujeitos que convivem na escola, pois:

Sob a perspectiva da EDH as metodologias de ensino na educação básica devem privilegiar a participação ativa dos/ as estudantes como construtores/ as dos seus conhecimentos, de forma problematizadora, interativa, participativa e dialógica. São exemplos das possibilidades que a vivência destas metodologias pode possibilitar:

- Construir normas de disciplinas e de organização da escola, com a participação direta dos/ as estudantes;
- Discutir questões relacionadas à vida da comunidade, tais como problemas de saúde, saneamento básico, educação, moradia, poluição dos rios e defesa do meio ambiente, transporte, entre outros;
- Trazer para a sala de aula exemplos de discriminação e preconceito comuns na sociedade, a partir de situação-problema e discutir formas de resolvê-las;
- Tratar as datas comemorativas que permeiam o calendário escolar de forma articulada com os conteúdos dos Direitos Humanos de forma transversal, interdisciplinar e disciplinar;
- Trabalhar os conteúdos curriculares integrando-os aos conteúdos da área de DH, através das diferentes linguagens, musical, corporal, teatral, literária, plástica, poética, entre outras, com metodologias ativa, participativa e problematizadora. (BRASIL, 2012, p. 14-5)

A partir dessa ideia de participação ativa dos alunos, tomados como sujeitos na relação de ensino-aprendizagem, que a EDH funciona como eixo temático e ao mesmo tempo orientador da luta pela garantia de direitos sociais, individuais e coletivos.

Na escola, assim como em instituições de aprendizagem como no caso da Epesmel, é o Projeto Pedagógico o documento orientador de todas as ações nesse sentido. Esse documento não apenas realiza uma contextualização da equipe e da unidade escolar, mas projeta objetivos e estratégias desses profissionais da educação, desses alunos e dessa coletividade.

A construção da EDH prevê práticas que buscam a garantia, a proteção e a promoção dos DH. Assim, é necessário:

formar as crianças, jovens e adultos para participar ativamente da vida democrática e exercitar seus direitos e responsabilidades na sociedade, também respeitando e promovendo os direitos das demais pessoas. É uma educação integral que visa o respeito mútuo, pelo outro e pelas diferentes culturas e tradições. (BRASIL, 2012, p. 2)

Um dos desafios de garantir e reconhecer os DH no ambiente educacional é a sua relação com a mídia e com as TIC. Portanto, a EDH deve colaborar com um caráter crítico da produção de informações midiáticas, com vistas a favorecer a democratização do acesso e das reflexões construídas por meio das TIC. Esse processo é essencial na contextualização de novos aprendizados, como forma de alcançar nas instituições escolares conhecimentos a partir de ferramentas midiáticas.

De acordo com Moran (2000), a construção do conhecimento por meio de ferramentas midiáticas é menos rígida pois parte de conexões abertas que passam por sentimentos sensoriais e emocionais, bem como por uma organização racional. Essa organização da aprendizagem é modificada o tempo todo, considerado o estilo de vida atual. Nessa concepção, o processo de ensino-aprendizagem, constituído através das TIC, pode ser encarado como algo positivo, uma vez que permite aos alunos desenvolver habilidades linguísticas significativas.

Ao considerar o contexto social e cultural, instituído nos dias de hoje, Moran (2000, p. 20-1) afirma que “quanto mais mergulharmos na sociedade da informação, mais rápida são as demandas por respostas instantâneas”. Por isso, os jovens e as crianças não admiram a demora e querem cada vez mais resultados imediatos, já que “os meios de comunicação, principalmente a televisão, vêm nos acostumando a receber tudo mastigado, em curtas sínteses e com respostas fáceis”. De tal modo, o autor ainda destaca:

Em síntese, cada vez são mais difundidas as formas de informação multimídia ou hipertextual e menos a lógico-sequencial. As crianças e os jovens estão totalmente sintonizadas com a multimídia e quando lidam com texto fazem-no mais facilmente com o texto conectado através de links, de palavras-chave, o hipertexto. Por isso, o livro se torna uma opção inicial menos atraente; está competindo com outras

mais próximas das sensibilidades deles, das suas formas mais imediatas de compreensão. (MORAN, 2000, p. 21)

Esse fenômeno social pode ser observado no ambiente escolar. Com isso, um dos grandes desafios para o educador é transformar as informações em aprendizados repletos de sentidos. Ao analisar essas reflexões, é possível entender que as TIC devem colaborar com aprendizado de maneira significativa no ambiente escolar, já que esse autor afirma que:

Aprendemos melhor quando vivenciamos, experimentamos, sentimos. Aprendemos quando relacionamos, estabelecemos vínculos, laços, entre o que estava solto, caótico, disperso, integrando-o em um novo contexto, dando-lhe significado, encontrando um novo sentido. (MORAN, 2000, p. 23).

Assim, as tecnologias possibilitam ampliar a comunicação entre os alunos, professores e comunidade escolar. Desse modo, o autor expõe a necessidade de se encontrar uma identidade educacional e, na medida do possível, estimular a criação de espaços de aprendizados significativos e criativos, ao inovar e recriar o processo de ensino-aprendizado.

Para Moran (2000, p. 30), o papel do professor é auxiliar os alunos a interpretar os dados midiáticos nesse contexto, além de relacioná-los e contextualizá-los. Por isso, afirma que “o professor, com o acesso as tecnologias telemáticas, pode torna-se orientador/gestor setorial de aprendizagem”. A conquista de informação não depende do professor, pois a maioria das tecnologias oferecem dados e imagens diversos. Por isso, esse profissional deve se tornar um orientador intelectual, comunicacional e ético ao permitir ao aluno a transformação da informação em conhecimento.

Ainda sobre a aprendizagem do aluno, Moran (2000) descreve que esse processo depende:

de que ele esteja pronto, maduro, para incorporar a real significação que essa informação tem para ele, para incorporá-la vivencialmente, emocionalmente. Enquanto a informação não fizer parte do contexto pessoal – intelectual e emocional – não se tornará verdadeiramente significativa, não será aprendida verdadeiramente. (MORAN, 2000, p. 30)

Segundo o autor, a linguagem audiovisual desenvolve múltiplas atitudes perspectivas, como por exemplo na produção de vídeos, como foi proposto nesta investigação com o protagonismo dos alunos aprendizes da Epesmel. Em suas análises, Moran (2000, p. 30) observou que essas atitudes solicitam constantemente uma imaginação por parte do aluno. Dessa maneira, na proposta de produção de vídeos realizados pelos alunos aprendizes, considera-se o estímulo à imaginação como algo central para o desenvolvimento do produto tecnológico educacional.

A produção de vídeo tem uma dimensão moderna, lúdica. Moderna como meio contemporâneo, novo que integra linguagens. Lúdica, pela miniaturização da câmera, que permite brincar com a realidade, levá-la junto para qualquer lugar. Filmar é uma das experiências mais envolventes tanto para as crianças como para os adultos. Os alunos podem ser incentivados a produzir dentro de uma determinada matéria, ou dentro de um trabalho interdisciplinar. E também produzir programas informativos, feitos por eles mesmos, e colocá-los em lugares visíveis dentro da escola e em horários em que muitas crianças possam assisti-los. (MORAN, 2000, p. 41).

Ao analisar a questão das mídias no processo educativo, Costa (2005, p. 139) afirma que a escola deveria aproveitar a mobilização dos jovens e adultos, em especial, com a produção televisiva, para incorporá-la em suas práticas de ensino. A autora ainda relata que “o trabalho pedagógico que a TV possibilita também é diversificado e flexível”. Uma dessas possibilidades é o aprendizado da produção de textos em vídeos:

O trabalho com a linguagem televisiva na escola, para a produção de textos e para o desenvolvimento da capacidade expressiva do aluno, pode ser feito com uso das câmeras de vídeo, hoje bastante comuns e bem mais baratas do que antigamente. Mas essa metodologia exige um maior detalhamento, assim como a conceituação do que é a linguagem videográfica. (COSTA, 2005, p. 141)

Essa autora defende que entre as vantagens de se produzir vídeos está a possibilidade de definir e recortar determinadas imagens, por meio de focalização das câmeras em determinados personagens, partes de um cenário, de modo a destacar objetos específicos ou elementos de uma pessoa como as mãos e olhos. Assim, a apreensão de uma imagem possibilita a reflexão de que:

provavelmente é toda a semântica da imagem em vídeo que fez da televisão a janela pela qual observamos o mundo – um espaço ao mesmo tempo próximo e distante, no qual podemos observar o que acontece no exato momento em que ocorre (COSTA, 2005, p. 142).

Para essa autora, na atualidade, os meios digitais ampliam as formas de expressões e de interatividades entre as pessoas. Por isso, o aprendizado da linguagem videográfica estimula os professores a utilizarem recursos em sala de aula, pois permite instigar os alunos a produzir conhecimentos a partir da utilização de vídeos. Nesse contexto, é importante entender como essa linguagem se constituiu ao longo do processo histórico, em especial, aparelhos portáteis já que:

Com um grau de resolução satisfatório e preços inferiores aos dos equipamentos profissionais, o vídeo portátil foi rapidamente absorvido pela população e utilizado com os mais diferentes fins: jornalismo, experimentação artística, educação, entretenimento, processo psicoterapêutico e convivibilidade. Artistas, especialmente os engajados nos movimentos de contracultura, acreditavam ter acesso a uma arma contra o poder hegemônico das grandes redes de televisão e a ideia de produção independente ganha força nas escolas, universidades e grupos alternativos. Flexível, o vídeo passa a participar de eventos artísticos que receberam denominações como videoperformance, videoinstalação, videointerativo e videopoesia. (COSTA, 2005, p.143)

Na atualidade, existem diferentes questionamentos em relação à falta de equipamentos midiáticos e de estruturas físicas nos ambientes de ensino para que sejam desenvolvidas metodologias pedagógicas inovadoras. Em relação a esses questionamentos, Costa (2005, p. 145) alega que, na maioria dos casos, a precariedade de recursos não impede o desenvolvimento de novas experiências, mas a falta de familiaridade das pessoas com a linguagem midiática. Para ela, o aprendizado de qualquer mídia é:

igualmente complexa e exige que as pessoas incorporem aos poucos as diferentes etapas de alfabetização. Desse modo, um trabalho com uso de vídeo requer inúmeras atividades que não dependem do equipamento, mas da compreensão das fases de organização de um trabalho que é, na verdade, mais intelectual do que técnico (COSTA, 2005, p. 145).

Em seus estudos, a autora analisa especialmente a produção de vídeos a partir das vivências sociais com a televisão e câmera filmadora. No

entanto, é importante esclarecer que para o desenvolvimento da investigação com os alunos aprendizes da Epesmel foram utilizados celulares *smartphones* e o computador disponível na sala de aula.

As reflexões de Costa (2005) permitiram entender uma realidade própria de um contexto social determinado, na qual as tecnologias disponíveis limitavam-se à televisão e à câmera filmadora. Com o avanço tecnológico, foi possível utilizar ferramentas mais interativas, que permitem a produção de objetos multimodais, ou seja, que agregam diferentes linguagens de mídias diversas como o som, a imagem, o hipertexto, os efeitos de edição, entre outros. A produção de objetos multimodais está relacionada à denominada Pedagogia dos Multiletramentos. Roxane Rojo (2012) define o conceito de multiletramento como dois tipos específicos de multiplicidade presentes nas sociedades, a primeira é multiplicidade cultural das populações, a segunda a multiplicidade semiótica de constituição de textos, por meio da comunicação e da informação.

Essa autora parte de análises próprias da área da Linguística, incluídas algumas reflexões a respeito da implementação das novas tecnologias nos espaços de ensinos.

Segundo Rojo (2012), as novas tecnologias de informação podem alterar a maneira como se aprende e ensina. Por isso, há a necessidade dos educadores de desenvolverem práticas pedagógicas que permitem um letramento crítico em relação ao mundo e ao cotidiano. Esse processo considera especialmente as formas de vidas culturais e as mudanças que a sociedade tem sofrido com as transformações tecnológicas. Ao buscar entender o sistema social atual, ela afirma que é preciso

Em vez de impedir/disciplinar o uso do *internetês* na internet (e fora dela), posso investigar por que e como esse modo de se expressar por escrito funciona. Em vez de proibir o celular em sala de aula, posso usá-lo para a comunicação, a navegação, a pesquisa, a filmagem e a fotografia. (ROJO, 2012, p. 26)

Ao dialogar com essas reflexões, a pesquisa desenvolvida na Epesmel propôs aos alunos a produção de vídeos a partir das ferramentas tecnológicas que eles já possuíam. Por isso, a maioria dos grupos de alunos construíram seus vídeos utilizando seus celulares e os aplicativos digitais que eles conheciam. Na verdade, apenas uma equipe utilizou filmadora

As reflexões realizadas por Rojo (2012) se aproxima dos objetivos proposto pelo Ensino de Sociologia de maneira ampla e transversal, uma vez que ela descreve:

O trabalho da escola sobre esse alfabetismo estaria voltado para as possibilidades práticas de que os alunos se transformem em criadores de sentidos. Para que isso seja possível, é necessário que eles sejam analistas críticos, capazes de transformar, como vimos, os discursos e significações, seja na recepção ou na produção (ROJO, 2012, p. 29).

Alguns pensadores da área do Ensino de Sociologia asseguram que, por meio dessa disciplina, há a criação por parte dos alunos aprendizes de novas posturas intelectuais, por meio das quais se tornam criadores de sentidos e de novos conhecimentos, de modo a tornar um discurso preestabelecido em conceitos significativos para a vida cotidiana. Nesse contexto, destacam-se os pensamentos de Silva (2009b) ao apresentar que “os alunos precisam aprender sociologia para desenvolverem uma postura intelectual autônoma diante dos fenômenos sociais em geral” (SILVA, 2009b, p. 71).

A autora apresenta algumas possibilidades de trabalhar os conteúdos estruturantes e específicos da disciplina Sociologia orientados pelas DCE-Sociologia. Nesse caso, aponta que o pensamento sociológico, construído e selecionado por professores e alunos, permite que se aproximem dos conceitos e das categorias de apreensão da realidade social. Os indivíduos se tornam pensadores autônomos, capazes de analisarem os fenômenos sociais. Assim, os alunos:

guardarão consigo não apenas uma lista de temas e conceitos proferidos nas aulas de sociologia, mas aprenderá a compreendê-los em suas múltiplas inter-relações e em sua complexidade, conseguindo pensar a partir da lógica e do raciocínio tipicamente sociológico. Os alunos aprenderiam a pensar a realidade com métodos, a partir das mediações necessárias para a observação e análise. Esse seria o principal objetivo no ensino de sociologia: garantir o desenvolvimento de uma postura intelectual diante da vida social e das práticas sociais em que estão inseridos. (SILVA, 2009b, p. 74-5).

Silva (2009b, p. 76) apresenta sua concepção de ensino como atividade das *práxis* humanas. No caso do Ensino de Sociologia, tal *práxis* está relacionada ao desenvolvimento de uma imaginação sociológica que possibilita

entender a produção e reprodução das relações sociais ao longo do processo histórico. Dessa maneira, ela esclarece que:

Ensinar não é apenas uma atividade técnica circunscrita na escola, mas é uma ação política que visa a transformação dos alunos [...] Não saímos do mesmo jeito que entramos nos processos de ensino-aprendizagem. Esse processo é histórico e deve ser baseado no acúmulo de saber que também é histórico. Ensinar sociologia é uma atividade embasada nos mais de 150 anos de história dessa ciência, nas necessidades contemporâneas e nas condições sociais. Nosso ponto de partida é o acúmulo da ciência e o papel do ensino médio no processo de construção do tipo de homem e de sociedade que desejamos forjar. (SILVA, 2009b, p. 76)

A autora defende uma postura metodológica de ensino baseada na Pedagogia Histórico-Crítica que será empregada nesta investigação realizada com os alunos aprendizes. Além da metodologia de ensino Histórico-Crítica, foi desenvolvida a pesquisa participante como instrumental metodológico para a implementação do produto tecnológico educacional.

Nesse contexto, em resposta a provocação de Saviani (1999), Gasparin (2012: p. ix) discute as possibilidades da Pedagogia Histórico-Crítica, na qual a vivência cotidiana dos alunos se transforma em conteúdo de ensino, pois:

O interesse do professor por aquilo que os alunos já conhecem é uma ocupação prévia sobre o tema que será desenvolvido. É um cuidado preliminar que visa saber quais as 'pré-ocupações- que estão nas mentes e nos sentimentos dos escolares. Isso possibilita ao professor desenvolver um trabalho pedagógico mais adequado, a fim de que os educandos, nas fases posteriores do processo, apropriem-se de um conhecimento significativo para suas vidas. (GASPARIN, 2012, p.16).

Nessa perspectiva pedagógica, a situação vivida pelos educandos se torna um problema desafiador tanto para o educador quanto para os próprios alunos. Desse modo, a proposta implicou um trabalho conjunto de pesquisa e discussão do qual participaram os alunos e a professora, conduzidos pela necessidade de conhecer a realidade sociocultural, no que diz respeito à constituição dos DH, para poder transformá-la.

A Pedagogia Histórico-Crítica, de acordo com Gasparin (2012, p. 7), pode ser utilizada nas diversas áreas do conhecimento, ou seja, em todos os

níveis de ensino da Educação Básica. Isso é possível porque ela organiza formas de construir e contextualizar conceitos vivenciados no cotidiano.

Portanto, buscou-se refletir se o aluno é sujeito do conhecimento nesse processo, capaz de realizar e desenvolver estudos sobre os conflitos que permeiam a sociedade, uma vez que:

Uma das tarefas mais importantes da prática educativo-crítica é propiciar as condições em que os educandos em suas relações uns com os outros e todos com o professor ou a professora ensaiam a experiência profunda de assumir-se. Assumir-se como ser social e histórico, como ser pensante, comunicante, transformador, criador, realizador de sonhos, capaz de ter raiva porque capaz de amar. Assumir-se como sujeito porque capaz de reconhecer-se como objeto. A assunção de nós mesmo não significa a exclusão dos outros. É a 'outredade' do 'não eu', ou do tu, que me faz assumir a radicalidade de meu eu (FREIRE, 2000, p. 46).

Ao mobilizar-se para a atividade intelectual, o jovem vivencia experiências como indivíduo de desejos e de interesses particulares, por isso ao serem inseridos no processo de socialização escolar, há uma conscientização das relações sociais, bem como do reconhecimento de si como sujeito histórico.

Nesse contexto, Charlot (2001, p. 15-20) reflete sobre a manifestação dos jovens em querer aprender, uma vez que para ele é importante entender a relação do jovem com o saber. Para o autor, é necessário esclarecer que “uma abordagem em termos de relação com o saber recusa-se a separar o sujeito-desejo e o sujeito social, a construção do sujeito e sua socialização.”

Charlot (2001, p. 28), destaca que a relação do jovem com o saber é sempre uma relação social. Segundo o autor, a partir de uma perspectiva sociológica pode-se compreender porque os jovens de uma mesma classe social possuem comportamentos diferentes com o aprender e com o saber. Assim:

Constata-se que os jovens das camadas populares, resistentes ou passivos frente aos saberes escolares, fora da escola, podem adotar comportamentos que apresentam uma certa complexidade e que supõe aprendizagens aprofundadas. A perplexidade é ainda maior quando se constata que tais jovens, muitas vezes com poucos recursos para as tarefas escolares que envolvem a linguagem, revelam-se bem falantes nas interações grupais, ou na produção de textos de *rap* (CHARLOT, 2001 p. 17).

Segundo Charlot (2001, p. 20-1), a produção do saber estabelece uma dialética entre interioridade e exterioridade. Dessa maneira, o jovem apropriar-se do que foi aprendido e o torna algo seu. Assim, afirma que

O que é aprendido só pode ser apropriado pelo sujeito se despertar nele certos ecos: se fizer sentido para ele. Porém, o sujeito só pode aprender se entrar em certas atividades normalizadas, aquelas que permitem apropriar-se deste saber ou deste 'aprender' específico.

Ao analisar os estudos de Charlot (2001, p. 24-7) a respeito da relação do jovem com a constituição do saber, pode-se destacar que na perspectiva antropológica a educação possibilita a humanização desses sujeitos, além de permitir a socialização e a apropriação das ações sociais. De tal modo, que toda a relação com o saber é também uma relação consigo e com o mundo.

Ao analisar a participação de jovens na construção de novos saberes, o Centro de Pesquisas em Educação, Cultura e Ação Comunitária (CENPES) e o Instituto de Assessoria e Pesquisa em Linguagem (LITTERIS) - (CENPES & LITTERIS, 2001, p. 36) assinalam que “ para eles, a escola é o principal lugar de convivência social”. Os jovens atribuem uma importância para as atividades consideradas fundamentais para a sua sobrevivência humana e social.

A partir dessas reflexões, o jovem levanta um conjunto de saberes relacionados a ética-moral ensinadas por familiares, relacionada aos valores sociais e a convivência coletiva, uma vez que:

O jovem atribui aos pais, aos amigos, à escola e à vida o aprendizado de atitudes tão 'importantes'. Esses saberes – 'como conversas com as pessoas', 'andar com cuidado, não fazendo bagunça e nem zoando'- são percebidos por ele como condição para que seu desejo de ser reconhecido pelas 'pessoas' realiza-se, em um movimento em que a reciprocidade é fundamental (CENPEC & LITTERIS, 2001, p. 41).

Por isso, há entre os jovens um reconhecimento de ser cidadão que vai além da obediência cega de valores e ao ser considerada a importância da:

rua como um espaço público, podemos dizer que 'saber andar nas ruas' é uma espécie de atestado de maioridade, o qual garante ao rapaz o direito de ir e vir nos ambientes que frequenta e, no limite, o direito de fazer parte de sua cidade, isto é ser 'cidadão' (CENPEC & LITTERIS, 2001, p. 41-2).

CENPEC e LITTERIS (2001, p. 42) promoveram estudos que asseguram que os jovens conferem um sentido específico a certa forma de convivência nos espaços sociais. Essas convivências procuram “no dia a dia um lugar para valores humanos, como dignidade, solidariedade e a justiça”. Portanto, os saberes valorizados pelos jovens é:

aquele que na sua experiência de vida consideram o ‘mais importante’, é o saber necessário a um tipo de sociabilidade, a um certo tipo de vida coletiva. E sua importância estratégica parece estar na garantia do reconhecimento – reconhecimento de um sujeito pelo o outro e vice-versa (CENPEC & LITTERIS, 2001, p. 41).

Nas pesquisas realizadas pelas organizações CENPEC e LITTERIS (2001, p. 45), a escola abriga uma relação ambígua. Os jovens descrevem esse espaço como um lugar importante para o processo de socialização, no entanto é considerado também um local de conflitos, não somente entre os alunos, mas também entre eles e os professores. Para os jovens a escola representa:

O lugar do encontro, um dos poucos lugares onde podem ir e vir, já que a família, na tentativa de garantir-lhes um futuro melhor, tenta ‘prendê-los’, ‘protegê-los’ das drogas, da violência urbana e das ‘más companhias’. Como espaço privilegiado de socialização, a escola parece cumprir, então, parte da missão que está na sua origem: ajudar crianças e jovens a conviver, a aprender e a passa do mundo infantil e juvenil para o adulto (CENPEC & LITTERIS, 2001, p. 45).

Nesse contexto, Dayrell (2008, p. 187) reforça a necessidade de pensar no jovem como um sujeito social, pois para ele esse indivíduo ‘ama, sofre, se diverte, pensa a respeito das suas experiências’. Esse autor ainda destaca que para o jovem:

a escola se torna um centro juvenil, um espaço de encontro, de estímulo à sociabilidade, à aprendizagem das regras e vivências coletivas e do exercício da participação. Todas essas dimensões são aspectos centrais da convivência humana e da cidadania (DAYRELL, 2008, p. 187).

Dayrell (2008), acrescenta que:

Levar em conta o jovem como sujeito é adequar a escola a uma 'pedagogia da juventude', considerando os processos educativos necessários para lidar com um corpo em transformação, com os afetos e sentimentos próprios dessa fase da vida e com as demandas de sociabilidade. Implica também adequar o ritmo dos processos educativos, dinamizando-os com metas e produtos que respondam à ansiedade juvenil por resultados imediatos. É fazer da escola um espaço de produções de ações, de saberes e de relações. É acreditar na capacidade do jovem, na sua criatividade e apostar no que ele sabe e quer dominar (DAYRELL, 2008, p. 187).

A cultura juvenil para Dayrell (2008) representa:

Modos de vida específicos e práticas cotidianas que expressam um conjunto de símbolos específicos que sinalizam o pertencimento a um determinado grupo. São as linguagens e seus usos particulares, os rituais e os eventos por meio dos quais a vida adquire, para eles, um sentido. Essa diversidade também é dada pelo contexto de origem social e das condições concretas de vida nas quais os jovens são socializados (DAYRELL, 2008, p. 187-8)

No processo de implementação do produto tecnológico educacional foram considerados as análises de Charlot (2001), CENPEC e LITTERIS (2001), e Dayrell (2008) a respeito da juventude. Ao relacionar esses estudos com a proposta de construir conceitos sociológicos, houve a possibilidade de uma prática metodológica que buscou desenvolver ações voltadas à participação dos alunos aprendizes na produção de vídeos sobre DH.

Assim, para encaminhar os procedimentos metodológicos, o próximo capítulo descreverá as etapas dessa investigação.

3. METODOLOGIAS ATIVAS: PEDAGOGIA HISTÓRICO-CRÍTICA, DIREITOS HUMANOS E A PESQUISA PARTICIPATIVA

O ciclo de pesquisa não se fecha, pois toda pesquisa produz conhecimento e gera indagações novas. Mas a ideia do *ciclo* se solidifica não em etapas estanques, mas em planos que se complementam.

(MINAYO, 2013, p. 27)

Para Lüdke e Andre (2013, p. 1-2), “para se realizar uma pesquisa é preciso promover o confronto entre dados, as evidências, as informações coletadas sobre determinado assunto e o conhecimento teórico construído a respeito dele”.

Essas autoras (2013, p. 5) consideram que “o papel do pesquisador é justamente o de servir como veículo inteligente e ativo entre esse conhecimento construído na área e as novas evidências que serão estabelecidas a partir das pesquisas”.

As abordagens qualitativas, ainda segundo Lüdke e Andre (2013, p.12) têm em comum: supor “o contato direto e prolongado do pesquisador com o ambiente e a situação que está sendo investigada, via de regra, pelo trabalho intensivo de campo”.

Os estudos do campo das Ciências Humanas e Sociais, nele incluída a Educação, podem apresentar abordagens tanto qualitativas, quanto quantitativas, estudos utilizados por Severino (2010, p. 119). Esse autor defende que não se trata de uma modalidade de metodologia em particular, mas uma designação que se refere a um conjunto de metodologias que envolvem várias referências epistemológicas, que buscam estudar o homem como ser social e cultural.

Para Minayo *et alli.* (2013, p. 21), a pesquisa qualitativa analisa os significados dos fenômenos humanos e, por isso, ela se distingue das investigações que somente quantificam os dados e resultados de seus estudos sobre o ser humano e a sociedade.

Nesse sentido, esta investigação tem abordagem qualitativa. Contudo, compromete-se fundamentalmente com o desenvolvimento do

protagonismo juvenil por meio da produção de vídeo voltados à construção, reconstrução e consolidação de conceitos empregados no Ensino de Sociologia.

Conforme o já referido no capítulo dois, Silva (2009b, p. 63), o Ensino de Sociologia tem suas reflexões produzidas a partir de dois campos e de suas articulações e intersecções: o das Ciências Sociais e o da Educação.

Entre as metodologias do Ensino de Sociologia, podem ser consideradas aquelas que promovem a autonomização dos alunos. Nesse contexto, a produção de vídeos pode funcionar como estratégia eficaz de oportunização para que alunos assumam gradativamente seus papéis de sujeitos no processo de ensino-aprendizagem. Entre os trabalhos dessa natureza estão o de Camponez *et alli.* (s.d, p. 1-12), que trabalhou com a produção de vídeos em escola Estadual de Londrina/PR por meio um projeto desenvolvido em parceria com a Universidade Estadual local.

Nesta investigação, a produção de vídeos com alunos foi desenvolvida a partir do eixo Direitos Humanos, como promotor de estudos transversais, conforme as Diretrizes Curriculares da Educação Básica (DCE) para o Ensino de Sociologia do Estado do Paraná (PARANÁ, 2008).

Nessas DCE, há dois conteúdos estruturantes que estão relacionados a esse eixo: Direitos e Cidadania e Movimentos Sociais. Nesses conteúdos, devem ser abordados os seguintes itens: direitos: civis, políticos e sociais; direitos humanos; conceito de cidadania; movimentos sociais; movimentos sociais no Brasil; a questão das ONG (PARANÁ, 2008).

De acordo com essas DCE, deve-se atentar para o processo de elaboração do encaminhamento metodológico. Esse processo é desencadeado a partir de constituições de hipóteses, assim como das problematizações e das análises investigativas que podem ser realizadas por meio de diferentes recursos pedagógicos.

Nesse contexto, os alunos são chamados a analisar criticamente os processos das diferentes relações sociais instituídas na sociedade, bem como compreender e avaliar a concepção de cidadania na atualidade, desenvolvendo novos procedimentos de aprendizado aliados aos recursos audiovisuais, como no caso da produção de vídeos:

Esses encaminhamentos podem, também, ser enriquecidos se lançarmos mão de recursos audiovisuais que, assim como os textos, também são passíveis de leitura. A utilização de filmes, imagens, músicas e charges constitui importante elemento para que os alunos relacionem a teoria com sua prática social, possibilitando a construção coletiva dos novos saberes (PARANÁ. 2008, p. 110).

Assim, conforme essas diretrizes, o objetivo desta investigação foi o de construir novos saberes com os alunos, a partir de um olhar diferenciado sobre a estrutura política atual, analisando os conceitos de democracia e de poder, por meio da compreensão do papel do cidadão na elaboração de ações sociais relacionadas à política. Por meio dessa proposta, os alunos compreendem a importância das práticas sociais relacionadas à política, refletindo sobre os seus papéis como cidadãos.

Para desenvolver a investigação proposta, parte-se da metodologia da pesquisa participante, de cunho pedagógico-educacional, que consiste em buscar compreender o sentido da educação, como um ato dinâmico e possibilitador da transformação da realidade vivida pelos agentes envolvidos na pesquisa.

Sabe-se que a pesquisa participante exige cuidados adicionais do investigador, sobretudo quando aplicada a realidade e em ambientes educacionais. Ela possibilita a constituição de reflexões a “partir” e “dentro” da realidade socioeducacional e tem como expectativa a transformação da sociedade:

Uma perspectiva crítica e problematizadora das ciências sociais implica, portanto, na recusa dos mitos da neutralidade e da objetividade e obriga o pesquisador a assumir plenamente uma vontade e uma intencionalidade políticas. Ao invés de se limitar a constatar como pensam, falam ou vivem as pessoas de determinado grupo social ou de procurar prever o que seria necessário fazer com vistas a dissolver os conflitos e reforçar a coesão social, nossa postura deve ser outra. O que interessa é mergulhar na espessura do real, captar a lógica dinâmica e contraditória do discurso de cada ator social e de seu relacionamento com os outros atores, visando a despertar nos denominados o desejo da mudança e a elaborar, com eles, os meios de sua realização. (OLIVEIRA & OLIVEIRA, 1999, p. 25).

Nessa perspectiva da pesquisa participante, o pesquisador é uma pessoa com uma inserção social determinada e está condicionada a partir de

uma visão de mundo. Dessa maneira, “modela o ponto de vista a partir do qual ele ou ela interagem com a realidade” (OLIVEIRA & OLIVEIRA, 1999, p. 24). Por isso, a proposta de produção de vídeos está diretamente relacionada às experiências já vivenciadas pela professora investigadora e pelos alunos aprendizes. Assim, é essencial o reconhecimento do protagonismo juvenil nesse processo de desenvolvimento das atividades vinculadas sobre o eixo Direitos Humanos (DH).

A partir das reflexões da metodologia da pesquisa participante, os envolvidos nos estudos se tornam atores sociais e protagonistas da própria história, de maneira ativa. Esses indivíduos não são condicionados pelas relações sociais. Ao contrário, eles criam, recriam, transformam o cenário cultural e o modo de convivência humana na sociedade. Dessa maneira, a professora investigadora não se separa de seu objeto da investigação, pois:

É totalmente impossível imaginar uma separação entre o sujeito da pesquisa (o cientista social) e o seu objeto (a sociedade) se o sujeito é ele mesmo um ser social, se são as ações humanas que modelam e transformam a sociedade da qual o pesquisador é parte integrante, podendo inclusive sofrer as consequências do projeto social que propõe ou das transformações que sua ação pode provocar. (OLIVEIRA & OLIVEIRA, 1999, p. 24)

É, de fato, o que ocorre na produção de vídeos, posto que se trata de uma prática que se constitui por meio da troca de conhecimentos entre a professora investigadora e os alunos aprendizes.

De acordo com Oliveira e Oliveira (1999, p. 21-6), o educador na situação de investigador deve apreender as redes de relações sociais e os conflitos de interesse que compõe a sociedade na qual vive. Dessa maneira, é preciso que esse educador vivencie as experiências e o trajeto percorrido pelos educandos na construção de determinados conhecimentos escolares. Além disso, é necessário que ele compreenda também o cenário sócio-político que se encontra a instituição de ensino.

Por meio desse fazer, há, potencialmente, uma maior compreensão a respeito das condições sociais, culturais, políticas e históricas nas quais as instituições educacionais estão constituídas. Assim, entende-se que as práticas

pedagógicas dessas instituições, por envolverem crianças¹, adolescentes², jovens³ e as famílias, têm uma abordagem que busca desenvolver a participação cidadã. Destaca-se, nesse processo, um olhar a respeito desses sujeitos no acesso ao mundo do trabalho e aos direitos considerados básicos para a vida em sociedade.

Nesse contexto, as análises de Oliveira e Oliveira são fundamentais para direcionar a investigação realizada, pois expõem que o objetivo do investigador, na pesquisa participante, é o de: “contribuir para uma problematização e uma definição da prática vivida pelo grupo, ele deve preservar uma distância crítica em relação a realidade e à ação cotidiana do grupo” (OLIVEIRA & OLIVEIRA, 1999, p. 27). Esses autores narram ainda que é necessário alcançar uma síntese militante (participante) e de cientista social (observador), sem sacrificar nenhuma dessas características.

Com base nas reflexões desses dois autores, foram criadas ações motivadoras e colaborativas entre os sujeitos envolvidos no desenvolvimento da investigação, que permitiram participações ativas nas atividades propostas durante as aulas. Nesse caso, cada turma de alunos aprendizes, organizada em equipes, refletiu criticamente a respeito do papel social de cada um na constituição dos Direitos Humanos.

O princípio dessa metodologia está relacionado também às reflexões de Rizzini (1999) sobre a participação de crianças e jovens na constituição de pesquisas sociais. Essa autora parte do pressuposto de que as crianças e os jovens podem incluir no processo de pesquisa uma visão que não é alcançada pelos adultos, já que vivenciam as experiências de uma outra maneira. É o que se objetiva com o processo de produção de vídeos, pois, na medida em que os vídeos foram elaborados a partir da escolha dos temas, das músicas, dos aplicativos utilizados, dos editores de vídeos e até mesmo do ato de filmar, a

¹ Trata-se do ser humano de 0 a 12 anos incompletos nos termos do art. 2º. da Lei Federal nº. 8.069, de 13 de julho de 1990 – Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA).

² Diz respeito ao ser humano de 12 anos completos a 18 incompletos nos termos do artigo mencionado na nota anterior.

³ É o ser humano com idade entre 15 e 29 anos nos termos do par. 2º do art. 1º da Lei Federal 12.852, de 5 de agosto de 2013 - Estatuto da Juventude (EJ). Observa-se que o ser humano com idade entre 15 e 18 anos é protegido tanto pelo ECA quanto pelo EJ.

construção de conceito será caracterizada por meio de suas experiências com as tecnologias e com os conhecimentos construídos.

Para Rizzini (1999), os pontos positivos do envolvimento de crianças e jovens na pesquisa participante são:

a qualidade dos dados coletados e analisados por crianças; a capacidade de inovação na análise, destacando pontos algumas vezes sem sequer considerados pelos pesquisadores e também a capacidade de abordar assuntos difíceis (como droga, aborto). As crianças parecem mais abertas frente a uma criança pesquisadora do que frente a um pesquisador adulto. A autora ressalta que participar em pesquisa ajuda a aumentar a autoestima da criança e que ela fica muito orgulhosa com os resultados. (RIZZINI, 1999, p. 53)

Para desenvolver o processo de produção de vídeos serão aplicados quatro princípios metodológicos da pesquisa participante defendidos por Borba (1999, p.49). Esse autor esteve movido por análises realizadas com camponeses e grupos sociais populares, preocupando-se em descrever alguns passos essenciais que colaboram com a prática e resultados de uma pesquisa com viés participativo dos sujeitos sociais.

O primeiro deles é o princípio de autenticidade e de compromisso com os sujeitos da investigação, a partir do qual se buscará oferecer um olhar reflexivo comprometido com as causas populares e particulares dos alunos aprendizes. O segundo é a questão do antidogmatismo, que possibilitará a professora investigadora e aos alunos aprendizes abrir mão das ideias e dos conceitos pré-estabelecidos. O terceiro é a restituição sistemática, etapa na qual o processo de comunicação respeitará as culturas particulares e a expressão dos resultados dos estudos será realizada a partir de uma linguagem acessível, a fim de que os próprios aprendizes divulguem suas análises. O quarto princípio estrutura-se como um *feedback* do processo pelos alunos, pois, ao se tornarem pesquisadores e produtores dos próprios conhecimentos, estarão engajados na construção de um saber científico.

Ainda quanto à metodologia participante, compreende-se que a elaboração e desenvolvimentos de vídeos em sala de aula, promoverá a participação e a apropriação dos conteúdos pelos alunos aprendizes.

Para que ocorresse essa apropriação de conteúdo e também da promoção da autonomia dos alunos aprendizes, foi utilizada a proposta didática

de Gasparin (2012) que colabora no processo de produção de vídeos, uma vez que os aprendizes passam a desenvolver atitudes de investigação, reflexão, crítica e participação ativa nas realizações propostas em sala de aula.

Para a produção dos vídeos sobre os Direitos Humanos, foi utilizado o modelo didático desse autor, com o objetivo de alcançar o processo de construção do conhecimento que segue a sequência: prática-teoria-prática. Desse modo, foi confeccionado um Plano de Unidade (Apêndice, n.01, p. 80).

Os procedimentos operacionais propostos por Gasparin (2012) constituem-se nas seguintes etapas:

- 1) Prática social inicial: objetivo geral, objetivos específicos, listagem de conteúdos trabalhados, vivência cotidiana do aluno;
- 2) Problematização: discussão sobre o conteúdo, definir questionamentos para a problematização da aplicação dos vídeos, ensino de sociologia, novas tecnologias. Dimensão dos conteúdos: conceitual, social, cultural, política;
- 3) Instrumentalização: ações didáticas pedagógicas, recursos utilizados (humanos e materiais);
- 4) Catarse: síntese mental do aluno, expressão da síntese;
- 5) Prática social final: novas práticas de educadores e educandos;
- 6) Análise dos resultados: o que ocorreu em cada aula.

Para o desenvolvimento da investigação e a aplicação do produto tecnológico educacional, os passos didáticos de Gasparin (2012) podem colaborar nas análises dos resultados. Por isso, eles foram divididos em dois momentos. O primeiro, composto pela prática social inicial e problematização foi denominado de pré-produção dos vídeos, no qual os alunos tiveram o contato com o conteúdo a ser estudado e posteriormente pesquisado. O segundo momento, formado a partir da instrumentalização, da catarse e da prática social final, foi caracterizado pela produção de vídeos, processo no qual ocorreram as filmagens, as entrevistas e as edições dos vídeos.

No que diz respeito ao processo de produção de vídeos, considerou-se as análises de Moran (2000), que expõe esse tipo de construção como uma dinâmica que permite um aprendizado significativos, a partir dos itens:

Videoprodução - 1. Narrativas em vídeo sobre determinado assunto. 2. Pesquisa em jornais, revistas, entrevistas com pessoas. 3. Elaboração de um roteiro, gravação, edição, sonorização. 4. Exibição em classe e/ou em círculo interno. 5. Comentários positivos e negativos. Estabelecer a diferença entre a intenção e o resultado obtido. (MORAN, 2000, p. 43)

Em seu texto, esse autor propõe algumas formas de utilização da televisão e do vídeo na educação escolar. Duas dessas serão empregadas com os alunos aprendizes.

A primeira escolhida foi o vídeo, como um conteúdo de ensino, já que os vídeos produzidos podem ser utilizados no futuro com outras turmas de estudantes. Além disso, eles devem oferecer uma interpretação sobre o eixo estudado, que no caso foi Direitos Humanos. De maneira indireta, os alunos construíram um conhecimento multidisciplinar a partir da disciplina formação humana, uma vez que o vídeo é um conteúdo de ensino e:

Mostra determinado assunto, de forma direta ou indireta. De forma direta, quando informa sobre um tema específico orientando sua interpretação. De forma indireta, quando mostra um tema, permitindo abordagens múltiplas, interdisciplinares. (MORAN, 2000, p. 40)

A segunda forma foi o vídeo como produção, ou seja, como resultado de uma prática docente em conjunto com os alunos aprendizes, como, por exemplo, a elaboração de um documentário:

Vídeo como produção: i) como documentação, registro de eventos, de aulas, de estudos do meio, de experiências, de entrevistas, depoimentos. Isso facilita o trabalho do professor, dos alunos e dos futuros alunos. O professor deve poder documentar que é mais importante para o seu trabalho, ter o seu próprio material de vídeo assim como tem os seus livros e apostilas para preparar as aulas [...]. ii) como intervenção: interferir, modificar um determinado programa, um material audiovisual, [...] O professor precisa perder o medo do vídeo, o respeito que tem por ele, e interferir nele como interfere num texto escrito [...] iii) como expressão, como nova forma de comunicação, adapta à sensibilidade principalmente das crianças e dos jovens. As crianças adoram fazer vídeos e a escola precisa

incentivar o máximo possível a produção de pesquisa em vídeos pelos alunos (MORAN, 2000, p. 40-1).

Essas duas formas de aplicar e elaborar vídeos nos espaços escolares contribuíram para a aplicação do produto educacional. Isso permitiu aos educandos uma maior participação na construção de conceitos, a partir de um olhar crítico específicos do Ensino de Sociologia.

A proposta de produção de vídeos em sala de aula também foi desenvolvida por Sabany (2013) e Almeida (2013).

Em seus estudos, Sabany (2013, p. 15) destacou a utilização de equipamentos digitais dentro do espaço escolar e afirmou: “o trabalho com vídeo funciona como uma motivação para o aluno, mas ao mesmo tempo como uma possibilidade de construção de novas aprendizagens”. A partir da proposta da autora, professora de Língua Portuguesa, foram produzidos vídeos com conteúdo multidisciplinar, com o objetivo de incentivar os alunos a participarem de maneira efetiva no processo de construção de conhecimentos. Tal investigação teve por objetivo promover o uso de recursos digitais em sala de aula.

Já Almeida (2013, p. 9), em seu trabalho sobre gêneros textuais, concluiu que a “popularização de algumas práticas ligadas à tecnologia entre elas a apreensão e vídeo e foto – tem propiciado mudança na relação entre os sujeitos e os contextos em que se inserem”. Por isso, uma turma de alunos coordenados por essa pesquisadora utilizou o recurso *stopmotion* para produzir o vídeo, uma vez que esse recurso possibilita a inclusão de desenhos, de animações e de sons.

Nessa direção, de empregar meios e recursos tecnológicos para a promoção de aprendizagens significativas, os procedimentos desta investigação, em síntese, observaram as seguintes etapas: 1) pré-produção (prática social inicial e problematização), 2) produção (instrumentalização e catarse) e 3) pós-produção (prática social final).

A etapa de pré-produção dos vídeos foi dividida em quatro momentos em que os alunos aprendizes desenvolverão diferentes atividades. A primeira atividade realizada foram a de pesquisa sobre o eixo DH, por meio do estudo a

respeito dos direitos sociais, políticos e civis. Para a realização da segunda atividade, foram apresentados os princípios da EDH (BRASIL, 2012, p. 9-10), para que os alunos aprendizes escrevam textos sobre o que estarão aprendendo. Na terceira atividade, os alunos aprendizes confeccionaram cartazes a partir da seleção de temas relacionados aos DH, que foram apresentados por eles em sala de aula e expostos na Mostra de Projetos da instituição escolar. Na quarta atividade, os alunos aprendizes escreveram um roteiro para a produção de seus vídeos, que deveria conter as etapas desse trabalho, de modo a deixar claro o início, o desenvolvimento e a conclusão das ações.

Na etapa de produção de vídeos, foram utilizados os passos de Moran (2000) e de Costa (2005), organizados em oficina técnica (como elaborar vídeos), produção (filmagens e seleção de imagens da internet), edição (montagem de imagens e sons) e apresentação dos vídeos (meio de socializar o que os alunos aprendizes aprenderam). É nessa etapa que os alunos aprendizes produziram o vídeo a partir do recurso tecnológico. Por isso, foi fundamental o acompanhamento da professora investigadora nesse processo. Essa foi a etapa de sistematização dos resultados da aplicação e da implementação do produto tecnológico educacional.

A etapa de pós-produção de vídeos proporcionou o momento do *feedback* do processo de produção. Essa etapa ocorreu durante a Mostra de Projetos da Epesmel, na qual os alunos aprendizes e os educadores apresentam os trabalhos que realizaram em 13 de dezembro 2015.

4. REFLEXÃO SOBRE O PROCESSO DA APLICAÇÃO DO PRODUTO TECNOLÓGICO EDUCACIONAL

“Daí decorre a necessidade de destacar, em qualquer educação, as grandes interrogações sobre nossas possibilidades de conhecer. Pôr em prática estas interrogações constitui o oxigênio de qualquer proposta do conhecimento”.

(MORIN, 2011, p. 29)

Nesta investigação, a ideia de produto tecnológico educacional foi trabalhada como um meio de produção de saberes realizada com e pelos alunos, de forma cooperativa, compreendendo-os como sujeitos do conhecimento, e não apenas como meros objetos. Esses sujeitos foram considerados como indivíduos autônomos e capazes de perceber o mundo e a complexidade do mundo ao seu redor, de modo a importarem-se com o vivido, com o experimentado, mas sobretudo com a dinâmica cotidiana da produção e da reprodução da vida.

Nesse processo, foi fundamental o trabalho com valores importantes para a construção de uma convivência integradora do diferente, do diverso, do múltiplo, do plural e da singularidade ao processo social e à vida de cada dos sujeitos participantes desta investigação. É inegável a contribuição desse processo cooperado de formação à humanização do ser em condição especial de desenvolvimento – adolescentes – como cidadãos efetivos.

Isso se deu, por exemplo, pela forma como o uso das novas tecnologias – identificadas nominalmente sob a expressão Tecnologias da Informação e da Comunicação (TIC) – foram apropriadas por esses sujeitos de forma a viabilizarem o registro das entrevistas e demais atividades desenvolvidas nesta investigação.

Tal protagonismo juvenil foi potencializado a partir da escolha que esses sujeitos realizaram de temas específicos relacionados ao eixo gerador Direitos Humanos (DH), tais como: direito à diversidade de gênero, a questão do feminismo, direitos sociais como direitos humanos, direito ambiental, direito à educação e concepção docente de cidadania. Desses seis temas, foram

produzidos nove vídeos de até cinco minutos pelas equipes de alunos de iniciação profissional da Epesmel.

Para a análise e discussão do processo de aplicação e implementação do produto tecnológico, foram selecionados os três primeiros temas para materializar esse movimento de descoberta realizada pelos sujeitos investigadores, em função de envolvimento dos alunos, diversidade temática e possibilidade temporais de análise pela professora pesquisadora que conduziu os trabalhos.

Nesse sentido, é relevante destacar que a condução das ações procurou promover a autonomia dos alunos como sujeitos investigadores de fato, levando às últimas consequências o protagonismo juvenil. Isso por meio da apropriação de habilidades no manuseio das TIC e pela mediação do conhecimento acumulado pela humanidade com adolescentes de modo a possibilitar uma ampliação do vocabulário específico vinculado ao processo de conquistas de direitos. Contudo, de forma desvinculada de uma única disciplina específica ou de um campo do conhecimento e, ao mesmo tempo, integradora de saberes, como é o caso da ideia de dignidade da pessoa humana.

O Ensino de Sociologia, nesse contexto, valoriza-se por meio da realização de um conjunto de possibilidades que o permitem dialogar com outros campos e de fazer uso desse vocabulário específico de lutas por direitos para a consolidação de conceitos como cidadania, dignidade humana, direitos humanos, autonomia, sujeitos conscientes de seus papéis na sociedade. Nessa medida, lutar por direitos para todos – incluído o direito à diversidade – significa importa-se com a satisfação das necessidades do outro, além das suas próprias.

Com esse propósito, este capítulo foi organizado em três etapas: pré-produção do vídeo, produção e pós-produção. Contudo, houve uma integração acentuada dessas etapas como continuidade do processo de reflexão dos sujeitos sobre as produções e, ao mesmo tempo, conclusão da aplicação e implementação do produto tecnológico educacional a uma determinada realidade escolar.

4.1. Pré-produção de vídeo

Entende-se aqui a fase de pré-produção de vídeo como aquela em que é desenvolvida uma sensibilização dos sujeitos em relação ao processo de investigação. Inicialmente, a estratégia foi a de procurar trabalhar a questão dos Direitos Humanos (DH) de forma a valorização as habilidades que os alunos aprendizes já detinham com as TIC.

Assim, a ideia de valorização dos conhecimentos adquiridos por esses sujeitos, por meio da manipulação de tecnologias, como a gravação de vídeos em celular, algo que já faziam sem a consciência de que essa instrumentalização pôde ser útil para o desenvolvimento de novos saberes.

Nessa fase, o processo de sensibilização mencionada será explicitado com vistas à compreensão da ideia geral de DH como eixo gerador temático e de cada um dos temas eleitos pelos alunos aprendizes.

A primeira fase de desenvolvimento do produto educacional, foi organizada por meio da apresentação de conteúdos e da realização de atividades. Essa fase começou no dia 15 de agosto e terminou em 20 de outubro de 2015, com o objetivo de reconhecer as expectativas dos aprendizes em relação ao curso de Formação Humana.

O processo de construção do produto educacional foi baseado na proposta da didática histórico-crítica de Gasparin (2012), que enfatiza os sujeitos como protagonistas da aprendizagem, com participação ativa na articulação de novos conteúdos com os que eles já possuíam, sem essa consciência. Dessa maneira, passam do conhecimento empírico ao conhecimento teórico-científico.

Assim, a primeira fase da aplicação do produto educacional foi organizada a partir da prática social inicial, defendida por Gasparin (2012) que gerou os seguintes questionamentos:

- 1) O que vocês sabem sobre direitos humanos?
- 2) Sabem sobre o assunto, porém não consegue expor?
- 3) Já ouviram sobre os direitos humanos anteriormente em alguma circunstância?

A partir das respostas, foi organizado o seguinte gráfico:

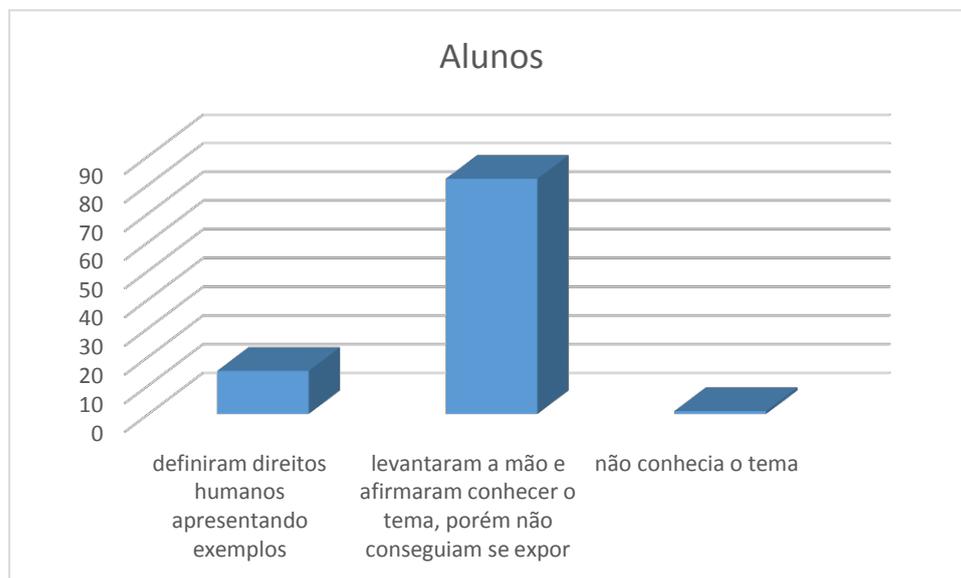


Figura 1: Gráfico Diagnóstico da Prática Social Inicial (Fonte: autora, 2016)

Observa-se que os alunos aprendizes possuíam um conhecimento prévio do eixo estudado, pois cerca de 80% já o conheciam. Porém, não haviam aprofundado seus estudos sobre o conceito DH. Por outro lado, apenas 20% dos aprendizes definiram esse conceito de maneira sistemática, apresentando exemplos e auxiliando os colegas na realização das atividades propostas durante as aulas. Apenas um aluno afirmou não conhecer o tema e nunca ter estudado esse conceito.

A partir desses questionamentos, foi percebida a vivência cotidiana do conteúdo por meio da definição do que os alunos já sabiam a respeito do eixo gerador DH e pela apresentação deles sobre o que gostariam de saber a mais em relação a esse conteúdo, como estratégia de estímulo ao aprofundamento dessas possibilidades a partir da produção de vídeos.

Essa primeira fase de desenvolvimento do produto educacional foi constituída por:

- 1) Exposição do eixo DH, como um conjunto de temas articulados;
- 2) Debates e atividades sobre os direitos específicos compreendidos como integrados aos DH.

Na primeira atividade, os alunos pesquisaram e descreveram o que são DH e depois escolheram um dos temas vinculados a esse eixo para investigarem e defenderem como essencial para a vida em sociedade.

Nesse sentido, foram destacadas as seguintes questões pelos alunos aprendizes:

- 1) Por que estudar temas vinculados aos DH é algo importante para a aprendizagem profissional?
- 2) Como entender o conceito de DH de uma maneira mais prática?
- 3) Quais as possíveis relações entre os DH e o mundo do trabalho?

Durante a etapa de problematização da pesquisa e dos conteúdos estudados, os alunos aprendizes estabeleceram uma comparação reflexiva entre seus conhecimentos cotidianos e os conhecimentos científicos que já apresentados pela professora investigadora. Esse processo possibilitou que se apropriassem de novos conhecimentos, com a mediação da professora investigadora. A partir daí, puderam elaborar uma representação mental, expressão utilizada por Gasparin (2012), sobre os DH.

Nessa etapa, refletiu-se sobre quais questionamentos ou perguntas selecionadas pelos alunos aprendizes poderiam ser respondidas e resolvidas por eles e pela professora investigadora, uma vez que:

Os principais problemas são as questões fundamentais que foram apreendidas pelo professor e pelos alunos e que precisam ser resolvidas, não só pela escola, mas no âmbito da sociedade. Para isso, se torna necessário definir quais conteúdos os educadores e os educandos como cidadãos, precisam dominar para resolver tais problemas, ainda que, inicialmente, na esfera intelectual. (GASPARIN, 2012, p. 35-6)

A segunda atividade iniciou com o desenvolvimento da etapa de problematização. Houve uma apresentação dos setes princípios da Educação

em Direitos Humanos (EDH), contidos no Parecer nº. 08/2012 – CNE/CP (BRASIL, 2012), expostos da seguinte forma para os alunos aprendizes, segundo a interpretação da professora investigadora e considerados os apontamentos de Pereira e Pereira (2015):

- 1) Dignidade humana: é o princípio que busca a garantia de diálogos entre os cidadãos para a promoção dos direitos;
- 2) Igualdade de direitos: é o princípio de ampliação dos direitos civis, políticos, econômicos, sociais, culturais e ambientais a todos os cidadãos e cidadãs, sem distinção;
- 3) Reconhecimento e valorização das diferenças e das diversidades: é o princípio que procura constituir na sociedade uma igualdade de direito de direitos para indivíduos diversos, possibilitando o debate a respeito das desigualdades sociais;
- 4) Laicidade do Estado: esse princípio se constitui em garantir o respeito de todas as crenças religiosas, sem praticar qualquer forma de proselitismo;
- 5) Democracia na educação: é o princípio que procura a democracia no acesso e na permanência dos sujeitos nas instituições de ensino;
- 6) Transversalidade, vivência e globalidade: esse princípio só ocorre quando a comunidade escolar e sociedade civil estão envolvidas na constituição dos direitos de maneira global;
- 7) Sustentabilidade socioambiental: é um princípio comprometido com o incentivo e promoção de um desenvolvimento sustentável que preserve a diversidade da vida natural e das culturas, condição para a sobrevivência da humanidade.

Após essa introdução, durante as aulas, os princípios da EDH foram lidos, debatidos e analisados criticamente com os jovens aprendizes. Posteriormente, foi promovida uma auto-organização de grupos e atribuído, pela

investigadora, um princípio para que construíssem uma definição provisória, escrita, e a apresentassem para a turma.

Observou-se que, por meio dessa dinâmica, os alunos compreenderam os conceitos estudados, construíram novos significados sobre os Direitos Humanos (DH), relacionaram o que analisaram com a vida cotidiana e expressaram o reconhecimento de que fazem parte de um contexto social.

De acordo com os alunos aprendizes, para que haja uma sociedade mais igualitária, eles devem cumprir seus papéis de cidadãos, o que pode ser observado em alguns de seus textos:

Laicidade do Estado: Um Estado laico é um Estado que não possui religião, ou seja, não pode falar de uma religião em específico e sim respeitar todas as crenças religiosas. Assim, como as pessoas que não creem (os ateus). O Estado não pode defender nenhuma religião e tratar todas como se fossem as mesmas. (Grupo 1- Turma Auxiliar 10)

Igualdade de Direitos: Diz respeito a igualdade das pessoas na garantia de todos os direitos basicamente, sem diferenças entre sexos, classe social e cor. Esse tópico também diz que não importa o dia, horário ou local todos os cidadãos devem ser tratados iguais e com todos os direitos respeitados, mesmo aqueles que são afastados da sociedade. (Grupo 5 – Aprendiz)

Democracia na Educação: a democracia na educação está relacionada com igualdade, liberdade e solidariedade. Não existe igualdade ou democracia sem a educação de qualidade, que todos devemos ter, independente da raça, classe, religião, etc. Todos devemos estar inclusos na educação. Porém, para que tudo isso ocorra de forma harmônica é preciso a participação de todos na sociedade. (Grupo 2 – Iniciação Profissional).

Esse processo de construção e reconstrução de significados dos princípios, que na verdade são valores fundamentais da República Brasileira (BRASIL, 1988), mais uma vez oportuniza o protagonismo juvenil.

Verificou-se, nessa elaboração, que os alunos aprendizes se incluem como sujeitos que podem e devem participar da transformação da sociedade na direção da humanização. Nas palavras de Morin (2011, p. 43), “interrogar a nossa condição humana implica questionar primeiro nossa posição no mundo”. Foi o que os alunos aprendizes aprenderam como democracia na educação.

A terceira atividade realizada pelos alunos, sob a orientação da professora investigadora, foi a confecção de cartazes a partir do eixo Direitos Humanos. Nesses cartazes, os aprendizes destacaram principalmente a falta de

garantia e a violação de alguns direitos que consideram fundamentais para a vida em sociedade, como se pode observar nas imagens abaixo, por meio de imagens que retrataram os protagonistas e as produções realizadas pelo conjunto de sujeitos, de modo a valorizar a contribuição de todos:



Figura 2: Alunos Iniciação Profissional



Figura 3: Alunos aprendizagem



Figura 4: Alunos Iniciação



Figura 5: Aluno Aprendizagem

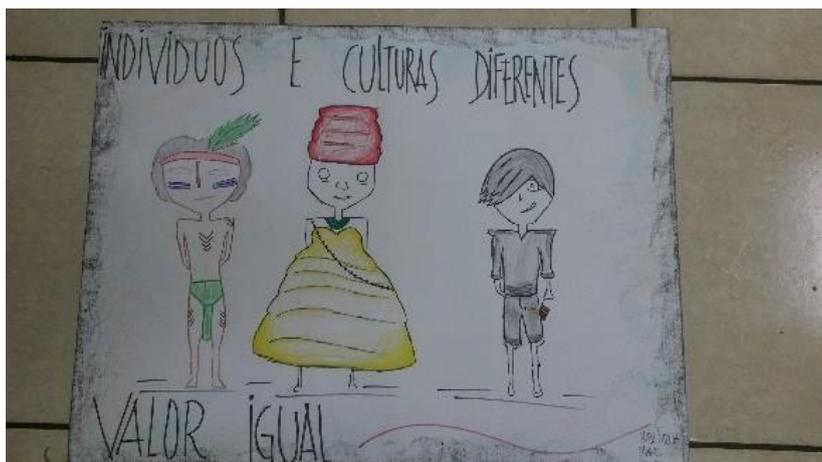


Figura 6: Cartaz Auxiliar 10



Figura 7: Cartaz Auxiliar 10



Figura 8: Cartaz Iniciação

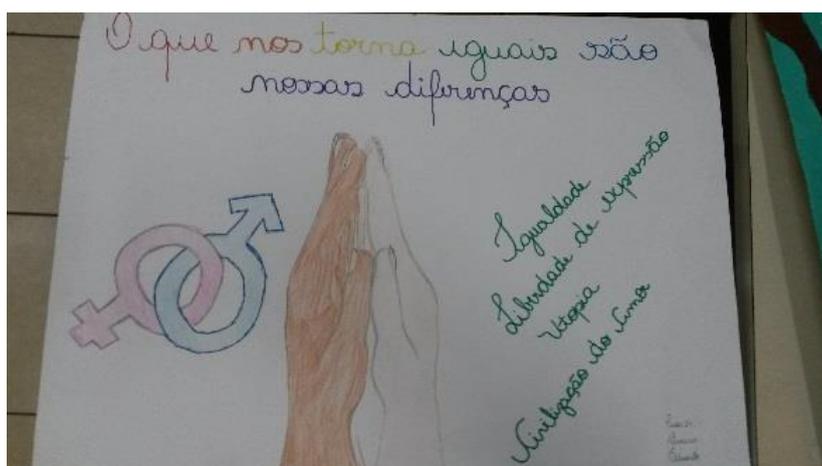


Figura 9: Cartaz Auxiliar 09

Observou-se a inclusão de autores e de produções de equipes diversas na amostra acima.

Em seguida, no decorrer dessa terceira atividade, foi proposta a produção de vídeos com o eixo DH para algumas turmas, já que os alunos começaram a aprofundar o que já sabiam a respeito desse eixo. Esses vídeos foram produzidos pelos alunos aprendizes por meio de pesquisa participativa, e sempre apresentados e debatidos em sala de aula, por todos os sujeitos investigadores.

A finalidade desse conjunto de três atividades realizadas pelos alunos aprendizes foi a de possibilitar a constituição de um conhecimento adquirido a partir do processo diário e contínuo de aprendizado. Nesse processo, os alunos se reconheceram como agentes do processo de ensino, bem como pessoas incluídas nas relações sociais cotidianas.

Dessa maneira, foi proposta uma quarta atividade, com o objetivo de elaborar um Roteiro de Orientação para a Produção de Vídeos, com o objetivo de apresentar cada etapa que os alunos deveriam seguir no processo de produção de um vídeo, como se pode observar:

Roteiro de Orientação Para a Produção de Vídeos
 Pesquisa Participativa - Tema: Direitos Humanos

Disciplina: Formação Humana Professora: Grazielle

- Organização de grupos em no máximo seis pessoas;
- Cada grupo realizará entrevistas com pessoas da sociedade civil e uma pessoa envolvida diretamente com a vida política (prefeito, vereador, presidente de bairro);
- Cada grupo organizará uma pesquisa sobre o tema Direitos Humanos;
- Cada grupo produzirá um vídeo sobre a pesquisa;
- Cada vídeo deve conter: uma música e imagens que apresentem a compreensão dos educandos sobre Direitos Humanos
- Cada vídeo deverá ter no mínimo 01 e no máximo 05 minutos;
- Cada grupo deverá elaborar um roteiro de vídeo
- Cada grupo deverá entregar para a professora o vídeo salvo em pendrive, ou enviar por e-mail.
- Cada grupo apresentará para a turma sua pesquisa, no tempo máximo de 20 minutos;

Bom estudo!

Figura 10: Roteiro de Orientação para a Produção dos Vídeos. (Fonte: autora, 2015)

Os alunos se sentiram motivados a conhecer com maior profundidade o conteúdo disciplinar estudado, produzindo seus próprios vídeos a respeito do eixo analisado. Isso possibilitou uma relação dos vídeos com algumas atividades

extracurriculares, as quais os alunos analisaram esse recurso pedagógico, como ferramenta de ensino que ao ser utilizada oportuniza aprendizados diferenciados.

4.2. A produção dos vídeos em sala de aula

A produção dos vídeos foi organizada por meio de retomada dos conteúdos sobre DH com os alunos aprendizes nesta segunda fase. Para tanto foram escolhidas as turmas de iniciação 04, aprendiz e auxiliares 09 e 10, para desenvolver a proposta de elaboração dos vídeos sobre DH, em razão de a professora investigadora atuar com essas.

Entre os vídeos produzidos, foram escolhidos três para análise sistemática dos objetivos alcançados com essa metodologia de ensino, como o já esclarecido na introdução deste capítulo, em função de envolvimento dos alunos, diversidade temática e possibilidade temporais de análise pela professora pesquisadora que conduziu os trabalhos.

Nessa fase, ocorreu o processo de produção, edição e apresentação dos vídeos sobre o eixo Direitos Humanos (DH), com o objetivo de oferecer aos alunos aprendizes o conceito e os princípios da Educação em Direitos Humanos (EDH) previsto no Parecer CNE/CP nº. 08/2012. Além disso, essa prática proporcionou aos alunos aprendizes um espaço de debate a respeito da formação dos DH na atualidade, bem como desnaturalizou alguns “pré-conceitos” estabelecidos sobre temas como cidadania e dignidade humana.

Com o objetivo de organizar e orientar os grupos de alunos aprendizes na elaboração de cada vídeo, a professora investigadora adotou a organização sugerida por Costa (2005) com algumas adaptações:

- 1) Identificação do objeto da disciplina: nessa fase foram apresentados aos alunos como é constituída a linguagem de um vídeo, assim como diferentes modelos de vídeos que eles poderiam empregar.
- 2) Eleição de um assunto: dentro do assunto DH os estudantes escolheram um tema para ser tratado no vídeo, já que várias turmas iriam falar de um mesmo conceito geral.
- 3) Desenvolvimento do tema: a partir da divisão dos grupos e da escolha dos temas, os alunos começaram a pesquisar principalmente na internet. Essa foi a fonte de pesquisa mais utilizada pelos grupos.

- 4) **Elaboração do roteiro:** nesse momento, a maioria dos grupos de pesquisa elaborou dois tipos de roteiros. O primeiro descrevia o passo a passo da produção do vídeo, como iria começar, quais textos iriam incluir, que tipo de imagem poderia ser inserida, qual música seria escolhida como pano de fundo. O segundo roteiro foi elaborado somente pelos grupos que realizaram entrevistas, sendo um momento importante para a pesquisa, pois eles questionaram outras pessoas sobre o tema estudado e refletiram com maior clareza a respeito do que outras pessoas conheciam dos DH.
- 5) **Oficina técnica:** houve uma oficina com os alunos aprendizes sobre como poderiam filmar e editar os vídeos. Essa oficina constituiu em apresentação e câmera fotográfica/filmadora e modelos de celulares. Além disso, os alunos conheceram os editores: Youtube, Sony Vegas, Windows Movie Maker.
- 6) **Produção:** depois da elaboração do roteiro e da oficina, começou-se a produção efetivamente dos vídeos. Nesse período os educandos começaram a filmar, escolhendo os cenários e os figurinos. Os grupos que só utilizaram imagens da internet organizaram quais iriam incluir no vídeo. Cada grupo teve um dia de captação de imagens e de pesquisa no computador. Na medida em que eles iriam filmando ou selecionando as imagens interagiram entre si, pois sempre que um grupo precisava de ajuda outro auxiliava com problemas em relação às tecnologias ou de pesquisa conceitual.
- 7) **Edição de Imagens:** a maioria dos grupos que filmaram pessoas e lugares realizaram essa etapa em sala de aula, pois necessitaram da orientação da professora e da ajuda dos colegas de turma. Os outros grupos editaram seus vídeos em casa, trocando experiências com outros indivíduos, como amigos e irmãos.
- 8) **Apresentação do vídeo:** como iria ocorrer uma mostra de projetos na Epesmel foi sugerido para os aprendizes apresentarem seus vídeos durante o evento. Antes da mostra, houve uma pré-apresentação, na qual cada grupo pôde exibir para a sua turma seus vídeos. Depois dessa etapa alguns grupos reavaliaram seus trabalhos e realizaram uma nova edição. A apresentação final foi no dia da mostra e esse

dia teve um sentido especial, já que toda a comunidade escolar prestigiou o trabalho conjunto da professora com os educandos.

Nas aulas da segunda etapa de desenvolvimento do produto tecnológico educacional, foram discutidos com os alunos aprendizes a importância e o objetivo da produção dos vídeos. Desse modo, foi preciso listar os conceitos e conhecimentos a respeito do eixo DH, agora aprofundados por eles. Em seguida, foram anotados no quadro os exemplos e as definições que eles apresentaram. Para registrar e organizar os conhecimentos produzidos pelos alunos nessa etapa da pesquisa, utilizou-se os vídeos já finalizados como objetos de análise.

As conclusões dessa análise são apresentadas em seguida:

4.2.1. Análise do vídeo 1: direito à diversidade de gênero

O primeiro vídeo analisado foi produzido pela turma Aprendiz. Como essa turma era composta por um número menor de alunos em relação às demais (seis de aproximadamente de trinta), formaram um único grupo.

As etapas de identificação do objeto e de delimitação do assunto foram identificadas na primeira aula, pois a turma se motivou a começar a pesquisar sobre o tema escolhido para a produção do vídeo imediatamente. O tema escolhido consistiu em debater o Direito à Diversidade de Gênero e os alunos foram movidos por questionamentos pessoais e por tratar de um objeto de estudo que fazia parte de seus cotidianos.

A delimitação desse assunto ocorreu principalmente a partir das notícias que foram divulgadas em grupos de redes sociais a respeito do Projeto de Lei (PL) Federal 6.583/2013⁴. Esse PL define a entidade família como um núcleo social formado somente a partir da união entre homem e mulher.

⁴ Submetido à apreciação pelo Deputado Federal Anderson Ferreira (PR/PE). Disponível em: <http://www.camara.gov.br/proposicoesWeb/fichadetramitacao?idProposicao=597005>. Acesso em: 05/ jan. /2016.

Nas aulas, os alunos relataram se sentirem incomodados com a definição de família proposta nesse PL. Dessa maneira, viram na produção de vídeo a oportunidade de debater mais sobre o tema, permitindo aos outros aprendizes a compreensão de conscientizar a sociedade sobre a questão do conceito Diversidade de Gênero. É importante esclarecer que para esse grupo a diversidade passou a ser um direito fundamental para a vida em sociedade, não só no que diz respeito ao gênero, mas num sentido amplo.

Como o grupo pesquisou o tema Direito à Diversidade de Gênero, encontraram na internet outros exemplos de direitos. Por isso, sempre que a professora investigadora os questionava sobre o que aprendiam eles respondiam que era sobre a garantia de direitos para toda e qualquer pessoa.

Ao assistir o vídeo, foi possível perceber a noção de família que o grupo desenvolveu e o que eles acrescentaram às suas formações por meio da produção. O vídeo começa com imagens de tipos diversos de famílias, com ênfase naquelas que são formadas por pessoas do mesmo sexo, pois esse modelo nuclear não é o único que existe para eles e, por isso, é necessário dar visibilidade para as outras formas de famílias vivenciadas pelos sujeitos sociais.

Esses alunos aprendizes optaram também por incluir em seu trabalho um vídeo disponível na internet a respeito do assunto pesquisado. Eles editaram esse vídeo e introduziram cenas que descreviam leis específicas, estatísticas e exemplos de direitos que não são garantidos pela sociedade quando se trata desse assunto.

O grupo também realizou entrevistas com alguns educadores da Epesmel, instituição que os prepara para a iniciação profissional, com o objetivo de investigar o que as pessoas da instituição conheciam sobre os DH. Para eles, os professores poderiam possuir uma visão aprofundada do tema, já que a entidade sempre realiza projetos de ensino que envolve esse conceito.

Durante a exposição do vídeo, na Mostra de Projetos⁵, foi questionado aos alunos aprendizes o que acrescentaram às suas formações a partir do

⁵ Trata-se de um evento anual promovido pela Epesmel, com a finalidade de socializar as produções realizadas durante o ano pelos alunos de todas as turmas de Iniciação Profissional, Aprendiz e Auxiliar Administrativo. Para essa investigação, tal evento significou a oportunidade de concluir a aplicação e a implementação do produto educacional tecnológico.

conjunto dessas produções. Alguns responderam que as aulas sobre o eixo DH colaboraram com uma nova visão de mundo que permite agir com respeito quanto aos demais colegas de sala. Outros narraram também a importância de terem pesquisado na internet os índices de violência contra pessoas consideradas homoafetivas ou homossexuais, dados que não conheciam com profundidade e sobre os quais nunca haviam pensado de maneira crítico-reflexiva.

A organização desse vídeo sobre o Direito à Diversidade de Gênero permitiu aos alunos aprendizes compreender conceitos próprios do Ensino de Sociologia, tais como diversidade, igualdade, gênero. Além disso, possibilitou o desenvolvimento de uma postura intelectual autônoma em relação à construção de novos conhecimentos.

4.2.2. Análise vídeo 2: a questão do feminismo

O segundo vídeo analisado foi elaborado por uma equipe da turma de alunas da Iniciação Profissional. Como essa equipe era formada por meninas, optaram por pesquisar a questão dos direitos direcionados às mulheres. Além disso, uma das alunas participou de debates e discussões da Conferência Estadual dos Direitos da Criança e do Adolescente realizado em Curitiba/PR e trouxe para o grupo a proposta de pesquisa sobre “Direitos da Mulher”.

Ao escolherem o assunto, iniciaram uma pesquisa na internet a respeito dos Direitos Humanos (DH) e as suas relações com os direitos destinados às mulheres. Essa equipe também analisou indicadores e estatísticas que destacaram a violência praticada contra esse grupo social. Após a pesquisa, as alunas aprendizes começaram a debater sobre o Feminismo no Brasil e na atualidade.

Essa equipe contou com a colaboração de uma educadora do Serviço de Convivência e Fortalecimento de Vínculos da Epesmel para a produção de seu vídeo. Essa educadora foi convidada pela equipe por ser militante na área dos direitos voltados às mulheres e às crianças e adolescentes. Além disso, o grupo já havia estudado com essa professora e, com ela, possuía um vínculo de

convivência fora da instituição, o que colaborou com o processo de pesquisa e realização do trabalho.

Ao produzir o vídeo, a equipe ficou motivada a pesquisar ainda mais a respeito do tema, contando com a ajuda da educadora convidada. Essa profissional da educação, com formação específica em mídias, auxiliou as alunas aprendizes no processo de pesquisa, por meio de dicas de sites e orientações quanto ao processo de gravação das imagens, uma vez que ela foi entrevistada pelo grupo. A interação entre o grupo e a convidada foi essencial para a troca de experiências, bem como possibilitou, à essa profissional e às alunas, o diálogo de maneira multidisciplinar.

Esse grupo de alunas teve maior dificuldade em relação à gravação e à edição do vídeo em comparação com as reflexões sobre o tema estudado. Assim, tiveram que gravar duas vezes a entrevista, pois na primeira apresentou problemas de som e imagem. Nesse momento, foi necessário o auxílio da professora investigadora, que mediou o processo de finalização do trabalho e debateu as vantagens da elaboração de vídeos para a construção de conceitos estudados no Ensino de Sociologia com as alunas aprendizes. Dessa forma, a dificuldade foi enfrentada como uma oportunidade de retomada do diálogo com as alunas aprendizes.

Ao considerar os resultados da produção do vídeo dessa equipe, percebe-se o desenvolvimento de uma aprendizagem significativa, não propriamente de conceitos analisados pelas alunas que fazem parte do Ensino de Sociologia, já que elas conheciam o assunto pesquisado, mas de estudos a partir de uma perspectiva sociológico-crítica a respeito da sociedade. Dessa maneira, não se apropriaram apenas de conceitos pronunciados pela disciplina, mas os compreenderam em sua complexidade ao desenvolverem uma postura intelectual.

Com a finalização do vídeo e com sua apresentação na Mostra de Projetos, a professora investigadora observou que houve uma mudança de postura das alunas em sala de aula. De modo geral, começaram a se portar mais como mulheres de direitos do que simplesmente meninas e alunas. Reconheceram seus espaços na sociedade e buscaram dar visibilidade ao que pensam a respeito do Feminismo.

4.2.3. Análise do vídeo 3: direitos humanos

O terceiro vídeo analisado foi produzido por dois alunos da turma Auxiliar Administrativo. Em seu vídeo, a menina e o menino não escolheram um tema específico para narrar o que aprenderam, mas problematizam a questão dos Direitos Humanos (DH) em geral.

Esse vídeo não foi construído com os programas Sony Vegas, Youtube e Windows Movie Maker, que a professora mediadora apresentou em sala. Os alunos aprendizes utilizaram o aplicativo de celular Viva Vídeo para elaboração do trabalho, o que permitiu que os colegas de turma e a professora conhecessem um outro recurso tecnológico. Isso foi fundamental para a análises da professora investigadora compreender que seus alunos estavam criando uma autonomia, não apenas nos estudos a respeito dos DH, mas também no emprego de Tecnologias da Informação e da Comunicação.

O vídeo inicia com imagens que a dupla considerou exemplos de DH, como os direitos à saúde e educação, entre outros. Além disso, apresenta imagens das comemorações do dia internacional de conscientização sobre esses direitos, sempre problematizando a falta de garantia deles na sociedade. Dessa maneira, levantaram os seguintes questionamentos: “Cadê o direito dessas pessoas? Você quer passar por isso (ao se referirem à falta de direitos)? Então vamos atrás dos nossos direitos? E o direito à educação?”

Esse vídeo foi dividido em duas partes. A primeira dialoga com a falta de garantia de direitos considerados básicos para a sociedade. Além disso, apresenta cenas de pessoas lutando pela manutenção e ampliação de direitos sociais. Algumas dessas imagens foram do movimento grevista dos professores estaduais do Paraná, que ocorreu no ano de 2015. Foram registradas ainda imagens que representaram o direito à diversidade de gênero e informações diversas, como, por exemplo, o Disque Direitos Humanos⁶.

⁶ Número de discagem gratuita disponibilizado Secretária de Direitos Humanos da Presidência da República para denúncias relativas às violações de direitos humanos, conhecido como Disque 100.

A segunda parte do vídeo destacou a necessidade de união e paz entre as pessoas. Os alunos utilizaram frases para a reflexão sobre o tema estudado, tais como: Todos tem o direito de opinião e de expressão.

Essas frases escolhidas trataram do ser humano, da humanidade e do homem, o que permitiu aos outros colegas de turma Auxiliar Administrativo a elaboração de um pensamento a respeito do conceito de dignidade da pessoa humana.

Para finalizar o vídeo, essa equipe exibiu duas fotos de uma criança síria morta em uma praia da Turquia. Os alunos aprendizes foram motivados por notícias que receberam dos meios de comunicação e dos debates promovidos em sala de aula. A professora investigadora apresentou dois artigos da internet⁷ a respeito do tema para a dupla, com o objetivo de auxiliá-los na construção de um conhecimento crítico. Esse processo permitiu que percebessem com maior profundidade as questões que envolvem a população síria e a imigração na Europa.

Ao analisar esse trabalho a professora investigadora entendeu que o exercício de elaborar um vídeo possibilita o desenvolvimento de uma imaginação sociológica a esses aprendizes, além do aprendizado de conceitos próprios do Ensino de Sociologia, como os de cidadania, dignidade e participação política.

⁷ Os alunos, com o auxílio da professora investigadora, consultaram informações em sites como: <http://oglobo.globo.com/mundo/foto-de-crianca-morta-em-praia-turca-torna-se-simbolo-de-crise-migratoria-17378276> (Acesso em: 07/01/2016) e <http://www.cartacapital.com.br/internacional/a-foto-do-menino-aylan-e-o-poder-das-imagens-9036.html>. (Acesso em: 07/02/2015).

4.3. Considerações gerais sobre o processo de produção de vídeos

Ao analisar os resultados da produção dos vídeos, verificou-se que os conceitos cotidianos que os alunos possuíam a respeito dos Direitos Humanos (DH), transformaram-se em conhecimentos científicos a partir da mediação realizada pela professora investigadora. Essa mediação pedagógica possibilitou que os conhecimentos científicos fossem alcançados no processo de produção dos vídeos. Esse resultado pode ser compreendido a partir do esquema apresentado por Gasparin (2012, p. 115):



Figura 11: APRENDIZAGEM HISTÓRICO-CRÍTICA (Fonte: GASPARIN, 2012, p. 115)

Nesse processo, os aprendizes buscaram uma nova dimensão para os DH com o objetivo de apreender ainda mais o conhecimento que estavam formando. É importante destacar que o encontro desses dois tipos de conhecimentos ocorre apenas quando há a mediação pedagógica do professor, que desenvolve com os educandos práticas e metodologias de ensino.

Os conceitos científicos não passam diretamente aos alunos, nem os conceitos cotidianos são subsumidos, automaticamente, pelos científicos. É na caminhada dialógico-pedagógica que se dá o encontro das duas ordens de conceitos: os conceitos cotidianos são incorporados e superados pelos científicos. Realizam-se, por intermédio do trabalho coletivo e individual, a interaprendizagem e intra-aprendizagem. (GASPARIN, 2012, p. 115).

Por meio de seus estudos, Gasparin (2012, p. 115) afirmou que, com o processo de ensino-aprendizagem da metodologia histórico-crítica, há a transformação do aluno em cidadão-crítico, um indivíduo que desfruta de sua autonomia na construção de novos saberes.

Foi com esse objetivo e a partir das leituras da metodologia de ensino histórico-crítica que se desenvolveu o seguinte diagrama como decorrência do produto educacional:

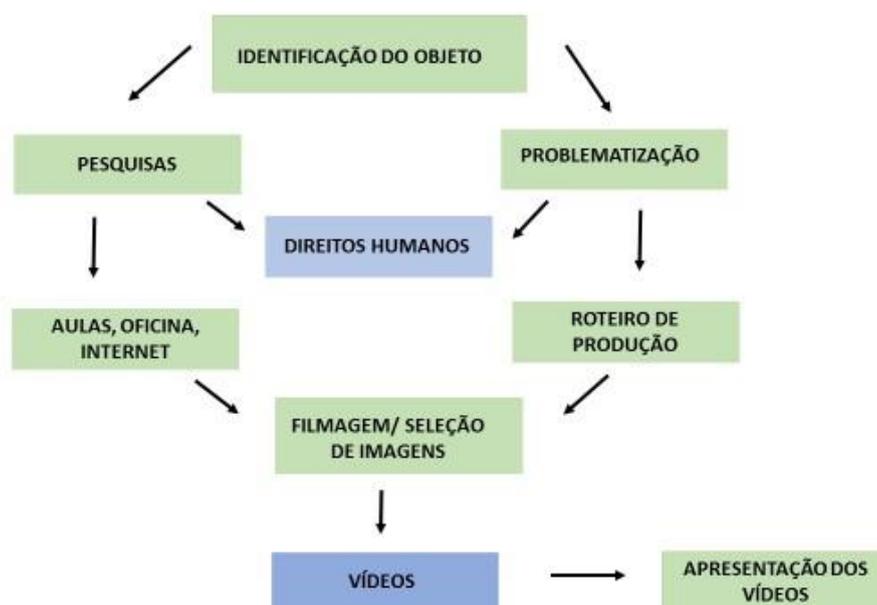


Figura 12: PRODUTO EDUCACIONAL-Processo (Fonte: a autora, 2016)

Nesse diagrama, pode-se observar os passos da construção do produto tecnológico educacional. A imagem resume ainda o processo de desenvolvimento da investigação realizada com os alunos aprendizes. Assim, no primeiro plano, está a identificação do objeto, realizado tanto pela professora investigadora tanto quanto pelos alunos que estavam organizando seus pensamentos para iniciar a produção dos vídeos.

De modo paralelo à investigação, houve a realização de oficinas e de pesquisas na internet pelos alunos, em sala de aula, com o objetivo de

conhecerem o tema. Ao mesmo tempo, foi desenvolvido o método de problematizar o conteúdo estudado.

Assim, cada grupo propôs um tema para aprofundar em seus vídeos. Por isso, foi necessário criar roteiros para a produção dos vídeos. Para a professora investigadora, a filmagem, a seleção de cenas e a edição dos vídeos foram momentos importantes, pois permitiram o acompanhamento do que cada aluno estava aprendendo por meio do processo de aplicação e implementação do produto tecnológico educacional.

No último plano, está a apresentação dos vídeos, como elemento essencial para avaliar o que realmente os alunos compreenderam por meio da metodologia aplicada. Nessa etapa, além de apresentarem os vídeos, os alunos aprendizes discutiram com a turma o que haviam aprendido e, nesse processo, reconheceram-se como sujeitos construtores de novos conhecimentos.

Como resultado do emprego dessa metodologia de produção de vídeos em sala de aula, seguem algumas fotos do ambiente em que os vídeos foram apresentados na Mostra de Projetos realizado na Epesmel:



Figura 13: Sala de Vídeos - Mostra de Projetos (Fonte: autora, 2015)



Figura 14: Entrada Sala de Vídeos - Mostra de Projetos (Fonte: autora, 2015).

Com o desenvolvimento do conjunto de atividades da primeira e da segunda etapas da produção dos vídeos, os alunos aprendizes conseguiram entender algumas dimensões do conteúdo, importantes para a compreensão dos DH. Na dimensão conceitual, compreenderam que esses direitos são produzidos a partir dos reconhecimentos das diferenças sociais pela sociedade. O reconhecimento desses direitos permite a constituição dos alunos aprendizes como sujeitos de direitos, já que começaram a se comportar como cidadãos e a considerar algumas responsabilidades que têm com a sociedade.

Na dimensão social, aprenderam que a sociedade brasileira é marcada por contradições que indicam a existência de violações de direitos. Isso ocorre, a partir das desigualdades sociais, das disputas econômicas e das exclusões da participação política dos cidadãos.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho é fruto de um esforço que busca contribuir especialmente com o desenvolvimento do protagonismo juvenil, na construção de conceitos sociológicos. Para isso, foram realizadas reflexões a respeito do Ensino de Sociologia, da Educação em Direitos Humanos (EDH) e das TIC no processo de ensino-aprendizagem.

No que diz respeito ao Ensino de Sociologia, essa investigação provocou um pensamento de que é preciso um reconhecimento desse ensino nas reflexões dos cientistas sociais. Nesse sentido, é imprescindível pensar especificamente na formação de professores de Sociologia e nos cursos superiores de Ciências Sociais.

Assim, o Ensino de Sociologia é um caminho para que os jovens aprendam conceitos considerados importantes para a vida em sociedade, por tratar de questões relacionadas aos Direitos Humanos como: cidadania, participação política e dignidade humana. Para isso, foi necessário entender o processo de ensino-aprendizagem no contexto do desenvolvimento de novas práticas pedagógicas relacionadas às TIC.

No desenvolvimento desse estudo, foi possível entender que uma das finalidades do Ensino de Sociologia é permitir aos alunos aprendizes o desenvolvimento de novos olhares sobre as relações sociais cotidianas.

A partir das análises, compreendeu-se que há o comprometimento de concentração em duas dimensões por parte do educador das Ciências Sociais: o saber acumulado da Sociologia e as necessidades contemporâneas da juventude na escola.

Ensinar Sociologia faz parte de uma atividade da *práxis* humana e os alunos devem se apropriar de conhecimentos tratados por essa disciplina para que desenvolvam uma postura intelectual autônoma diante da realidade social.

Nas Orientações Curriculares para o Ensino de Sociologia (OCEM-Sociologia), a linguagem da Sociologia deve ser trabalhada em sala de aula a partir de uma perspectiva que relacione os conceitos, teorias e temas, para que o aluno desenvolva uma capacidade de analisar a sociedade na qual está inserido.

No processo de investigação, o desenvolvimento da autonomia do aluno foi algo central nas práticas pedagógicas. Assim, considerou-se as Diretrizes Curriculares da Educação Básica- Sociologia do Estado do Paraná (DCE-Sociologia) como documento orientador. Nas DCE-Sociologia, o protagonismo dos alunos na construção de conceitos sociológicos oferece uma capacidade para a pessoa de posicionar-se frente aos problemas e realidades sociais.

Nesse contexto, um dos objetivos dessa investigação foi construir com os alunos aprendizes a autonomia no processo de criação e reconstrução de novos saberes. Assim, foi levantado o seguinte questionamento: como a produção de vídeos pode ser empregada nas aulas de Sociologia, de modo a tornar os jovens aprendizes protagonistas desse processo? Essa questão buscou compreender como a inserção de tecnologias no espaço escolar pôde colaborar para o desenvolvimento de um novo processo de ensino-aprendizagem.

A estratégia escolhida para buscar responder esse questionamento, foi a implementação do produto tecnológico educacional a partir da produção de vídeos em sala de aula. A ferramenta midiática do vídeo colaborou com a ampliação da comunicação entre os alunos aprendizes.

A hipótese levantada a partir do questionamento da investigação sobre a construção da autonomia dos alunos aprendizes foi confirmada, uma vez que os vídeos foram produzidos por eles por meio de pesquisas e atividades mediadas pela professora investigadora. Além disso, houve um protagonismo dos alunos aprendizes na elaboração dos roteiros de trabalhos, nas filmagens, nas edições dos vídeos e nas apresentações de suas pesquisas participativas.

A segunda hipótese, estava relacionada à consolidação dos princípios da EDH por meio da produção dos vídeos. Essa hipótese também foi confirmada a partir do reconhecimento dos alunos aprendizes como sujeitos de direitos. Assim, houve a consolidação da formação humana, ética e política dos sujeitos envolvidos no desenvolvimento da investigação.

A partir da investigação, há a possibilidade de reconhecer a escola como o espaço e o tempo da EDH. Por isso, é preciso formar cidadãos para assumir conscientemente os seus papéis na sociedade, uma vez que a

constituição dos Direitos Humanos (DH) depende de práticas que busquem a garantia, a promoção e a proteção dos direitos sociais, políticos e econômicos.

Nesse sentido, a investigação conferiu uma importância para a formação midiática dos cidadãos para favorecer ações democratizantes. Já que nesse contexto, a construção do conhecimento por meio de ferramentas midiáticas contribuí para que os alunos desenvolvam habilidades significativas.

A produção de vídeos como uma ferramenta pedagógica colabora com reflexões acerca do papel da televisão e dos vídeos nos ambientes de aprendizagens. Durante a investigação, a relação dos alunos aprendizes com a produção do saber foi relacionado com o conceito de jovem, entendido como expressões culturais grupais.

Com a produção de vídeos e, conseqüentemente do produto tecnológico educacional, os alunos aprendizes puderam realizar pesquisas sobre o eixo DH e começaram a olhar de uma nova maneira a constituição dos direitos na sociedade atual. O objetivo era justamente permitir que os aprendizes desenvolvessem ações participativas e de construção de uma consciência coletiva, ao ser analisada a importância da consolidação dos direitos humanos para a vida em sociedade.

Com a utilização de diferentes linguagens e materiais didáticos contextualizados, houve o fortalecimento de práticas individuais e sociais que geraram ações e instrumentos em favor da promoção, da proteção e da defesa dos direitos humanos.

A partir da produção dos vídeos, foi possível aos educandos o desenvolvimento de uma reflexão crítica sobre a participação dos sujeitos na constituição e na garantia dos DH. Assim, reconheceram por meio dos princípios da EDH, o contexto histórico, político e cultural da sociedade moderna.

O estudo dos DH permitiu a formação de um ensino comprometido com a superação das desigualdades sociais vivenciadas na atualidade. Dessa maneira, envolveu-se com a busca da diminuição de atitudes sociais discriminatórias e preconceituosas relacionadas ao racismo, feminismo, homofobia, entre outros. Por isso, para que seja consolidada a EDH, é preciso uma maior participação dos sujeitos de direitos na consolidação de ações afirmativas.

Com implementação do produto tecnológico educacional houve a possibilidade de uma formação ética, crítica e política dos educandos. Assim, esses indivíduos começaram a se reconhecer como sujeitos de direitos, o que é fundamental na EDH que prevê a construção de uma sociedade democrática e com menos diferenças.

Dessa maneira, os alunos aprendizes aprofundaram ainda mais seus conhecimentos sobre o conceito DH, já que editaram e produziram os vídeos em sala de aula como recurso de sistematização do conteúdo. Isso permitiu a reflexão sobre as questões que envolvem a formação desses direitos, dialogando com a construção da cidadania. Assim, analisaram os princípios da EDH e sua relação com o cotidiano vivido, uma vez que repensaram o conceito dignidade.

O desenvolvimento da prática metodológica proposta nessa investigação favoreceu o diálogo e a possibilidade de desenvolver e trabalhar com vídeos em sala de aula, já que esclareceu a importância de analisar a questão da autonomia dos alunos.

Aqui é importante destacar que não foi trabalhado com vídeos prontos e acabados, apenas para exposição de conceitos. Ao contrário, foram os alunos que se reconheceram como produtores de novos conhecimentos no processo de investigação.

Esse estudo a respeito do protagonismo dos jovens na construção de conceitos sociológicos, por meio da implementação do produto tecnológico educacional, contribuí nos estudos referentes à possíveis soluções para os problemas de sala de aula no que diz respeito ao uso de TIC.

Nesse contexto, a investigação possibilitou compreender que o protagonismo juvenil é também um meio para trazer o jovem para o diálogo sobre as questões sociais e para o processo de construção e de reconstrução de conceitos. Esse esforço demanda compreender, perceber, observar, interrogar-se sobre a realidade e sobre o cotidiano.

REFERÊNCIAS

ABAD, Miguel. Crítica Política das Políticas de Juventude. In: FREITAS, Maria V; PAPA, Fernanda C. **Políticas Públicas: juventude em pauta**. São Paulo: Cortez, 2008.

ALMEIDA, Ana Cláudia Pereira. **Produção de Vídeos em Sala de Aula: uma proposta de uso pedagógicos de celulares e câmeras digitais**. Revista de Educação Ciência e Tecnologia, v.2, n.1. Canoas, 2013, p.1-13. Disponível em: <http://seer.canoas.ifrs.edu.br/seer/index.php/tear/article/view/111/50>. Acesso em: 03 jun. 2016)

ALMEIDA, Maria. Elizabeth. B. Prática e Formação de Professores na Integração de Mídias. In: ALMEIDA, Maria. Elizabeth. B.; MORAN, José. Manoel. (Org.). **Integração das Tecnologias na Educação**. Secretaria de Educação a Distância. Brasília: Ministério da Educação, Seed, 2005, pp. 38 – 45.

BAUMAN, Zygmunt; MAY, Tim. **Aprendendo a Pensar com a Sociologia**. – Rio de Janeiro: Zahar, 2010.

BORBA, Orlando Fals. Aspectos Teóricos da Pesquisa Participante: considerações sobre o significado e o papel da ciência na participação popular. In. BRANDÃO, Carlos Rodrigues (Org.). **Pesquisa Participante**. São Paulo: Brasiliense, 1999.

BRASIL. Conselho Nacional de Educação. Conselho Pleno. **Parecer n. 08/2012- Princípios da Educação em Direitos Humanos (EDH)**. Brasília, Pleno do Conselho Nacional de Educação, 2012, p. 1-18. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_content&view=17631&view=article&id=17631&itemid=866. Acesso em: 01/09/2014.

BRASIL. **Lei Federal n. 12. 852, de 5 de agosto de 2013**. Publicada no Diário da União em 5 de agosto de 2013. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2011-2014/2013/Lei/L12852.htm. Acesso em: 02 maio. 2016.

BRASIL. **Lei Federal n. 8.069 de 13 de julho de 1990**. Publicada no Diário da União em 13 de julho de 1900. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L8069.htm. Acesso em: 02 maio. 2016.

BRASIL. **Projeto de Lei Federal n. 6.583 de 2013**. Disponível em: <http://www.camara.gov.br/proposicoesWeb/fichadetramitacao?idProposicao=597005>. Acesso em: 02 maio. 2016.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. **Ciências humanas e suas Tecnologias: orientações curriculares para o ensino médio**. Brasília: Secretaria de Educação Básica, 2006.

CAMPONEZ, Adriana Andreia. Sociologia em Foco: produção de documentários e artigos científicos com alunos do Ensino Médio. In: **Página Eletrônica do Grupo de Apoio ao Ensino de Sociologia da Universidade Estadual de Londrina**. Londrina: UEL, s.d., p.1-12. Disponível em: <http://www.uel.br/grupo->

estudo/gaes/pages/arquivos/GT4%20Artigo%20Adriana%20Campones%20Sociologia%20em%20foco.pdf. Acesso em: 15 maio. 2016.

CENPEC & LITTERIS . O Jovem, a Escola e o Saber: uma preocupação social no Brasil. In: CHARLOT, Bernard. (Org.). **Os Jovens e o Saber: perspectivas mundiais**. Porto Alegre: Artmed, 2001.

CHARLOT, Bernard. A Noção de Relação com o Saber: bases de apoio teórico e fundamentos antropológicos. In: CHARLOT, Bernard. (Org.). **Os Jovens e o Saber: perspectivas mundiais**. Porto Alegre: Artmed, 2001.

COSTA, Cristina. **Educação, Imagem e Mídias**. São Paulo: Cortez, 2005.

DAYRELL, Juarez. Escola e Culturas Juvenis. In: FREITAS, Maria V; PAPA, Fernanda C. **Políticas Públicas: juventude em pauta**. São Paulo: Cortez, 2008.

DEMO, Pedro. **Aprendizagens e Novas Tecnologias**. Revista Brasileira de Docência, Ensino e Pesquisa em Educação Física – ISSN 2175-8093 – Vol. 1, n. 1, p.53-75, ago. 2009.

EPESMEL. **Plano Político Pedagógico do Curso de Qualificação e Aprendizagem Profissional**. Londrina: EPESMEL, 2014.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2000.

GASPARIN, João Luiz. **Uma Didática Para a Pedagogia Histórico-Crítica**. Campinas: Autores Associados, 2012.

LEITE, Elenice Moreira. Juventude e Trabalho: criando chances, construindo cidadania. In: FREITAS, Maria V; PAPA, Fernanda C. **Políticas Públicas: juventude em pauta**. São Paulo: Cortez, 2008.

LUDKE, Mengua; ANDRÉ, Marli Eliza Dalmazo Afonso. **A Pesquisa em Educação: abordagens qualitativas**. Rio de Janeiro: E.P.U, 2013.

MINAYO, Célia de Souza Minayo. **Pesquisa Social: teoria, método e criatividade**. Rio de Janeiro: Vozes, 2013.

MORAES, Amaury (Org.). **Sociologia: ensino médio**. - Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2010. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=7843-2011-sociologia-capa-pdf&category_slug=abril-2011-pdf&Itemid=30192. Acesso em: 15 out. 2015.

_____. **Licenciatura em Ciências Sociais e Ensino de Sociologia: entre o balanço e o relato**. Tempo Social, v.15, n.1, p.5-20, São Paulo: FFLCH-USP, 2003.

MORAN, José M. Ensino e Aprendizagem Inovadores com Tecnologias Audiovisuais e Telemáticas. In: BEHRENS, Marilda Aparecida; MASSETO, Marcos T; MORAN, José Manuel (Org.). **Novas Tecnologias e Mediação Pedagógica**. Campinas: Papyrus, 2000.

MORIN, Edgar. **Os Sete Saberes Necessários à Educação do Futuro**. – São Paulo: Cortez, 2011.

OLIVEIRA, Rosiska Darcy de; OLIVEIRA MIGUEL DARCY DE. “Pesquisa Social e Ação Educativa: conhecer a realidade para poder transformá-la”. In:

BRANDÃO, Carlos Rodrigues (Org.). **Pesquisa Participante**. São Paulo: Brasiliense, 1999.

PARANÁ. Secretaria de Estado da Educação. Departamento de Educação Básica. - **Diretrizes Curriculares da Educação Básica. Sociologia**. 2008. p. 110-111. Disponível em:

http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/diretrizes/dce_socio.pdf.

Acesso em: 28 maio.2014.

PEREIRA, David da Silva; PEREIRA, Silvana Dias Cardoso. Princípios da Educação em Direitos Humanos: os desafios de transformar o cotidiano e a prática docente. n: V Congresso Internacional de Educação: Educação Humanizadora e os Desafios Éticos na Sociedade Pós Moderna, 2015, Santa Maria/RS. Anais Eletrônicos. Santa Maria: FAPAS, 2015. Disponível em:

<http://192.185.213.204/~fapas413/index.php/anaiscongressoie/article/viewFile/61/515>. Acesso em: 16 set.2015.

RIZZINI, Irma. **Pesquisando**: guia de metodologia de pesquisa para programas sociais. Rio de Janeiro: Editora Universitária Santa Úrsula, 1999.

ROJO, Roxane. **Pedagogia dos Multiletramentos: diversidade cultural e de linguagens na escola**. In: MOURA, Eduardo; ROJO, Roxane (Org.).

Multiletramentos na Escola. São Paulo: Parábolas Editorial, 2012.

SABANY, Darlene Vilanova. **Olhares sobre a Produção de Vídeos em Sala de Aula**. 2013. 48 f . TCC. – Universidade Federal Do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2013. Disponível em:

<http://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/95928/000913463.pdf?sequence=1> . Acesso em: 03 jun. 2016.

SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do Trabalho Científico**. 23 edição São Paulo: Cortez, 2007.

SILVA, Ileizi Luciana Fiorelli. Metodologias do Ensino de Sociologia na Educação Básica: aproximações com os fundamentos pedagógicos. In: _____. (Org.). **Cadernos de Metodologias de Ensino e de Pesquisa de Sociologia**. Curitiba: Secretária de Estado da Ciência, Tecnológica em Ensino Superior, 2009 a, p. 15-35 (Programa Universidade Sem Fronteiras).

_____. Fundamentos e Metodologias do Ensino de Sociologia na educação básica. In: HANDFAS, Anita; FERNANDES, Luiz (Org.). **A Sociologia vai à Escola**: histórias, ensino e docência. Rio de Janeiro: Quartet, 2009 b, p.63-91.

APÊNDICES

PLANO DE UNIDADE

Instituição: Epesmel- Murialdo

Disciplina: Formação Humana

Unidade: Direitos Humanos

Turma: Auxiliar 09 e 10; Aprendiz; Auxiliar 04.

Professora: Grazielle Freire

Horas-Aula: 13 aulas de 1h30min.

1. PRÁTICA SOCIAL INICIAL DO CONTEÚDO

1.1 Unidade de Conteúdo

- **Objetivo Geral:** Refletir a respeito das características dos direitos sociais, políticos e civis, com a finalidade de conscientização dos adolescentes e jovens sobre a questão da constituição de direitos na sociedade.
- **Objetivos Específicos:** a) analisar a formação dos “direitos humanos”; b) permitir aos aprendizes espaços de diálogos sobre a participação dos sujeitos na garantia dos direitos humanos; c) compreender as especificidades dos direitos sociais, políticos e civis.

1.2 Listagem de Conteúdos

- O que é direito humano e cidadania.
- Direitos sociais, civis e políticos
- Princípios da educação em direitos humanos.

1.3 Vivência Cotidiana do Conteúdo

- O que os alunos já sabem: a) que os direitos humanos são direitos básicos; b) que os existem direitos sociais específicos em nossa sociedade; c) que os direitos políticos estão relacionados a luta por direitos; d) que alguns direitos ainda não são garantidos para todas as pessoas em nossa sociedade. e) que

temas como igualdade de direito e reconhecimento das diferenças estão relacionados a formação dos direitos humanos.

- O que gostaria de saber a mais: a) por que estudar o tema “direito humano” é algo importante para a aprendizagem profissional? b) como se pode entender o conceito “direito humano” de uma maneira mais prática? c) quais as principais diferenças entre direitos sociais, políticos e civis? d) qual o nosso papel para garantir o desenvolvimento de direitos humanos?

2. PROBLEMATIZAÇÃO

2.1 Discussões sobre o conteúdo

- Quais são os exemplos de direitos humanos.
- O que são direitos sociais, políticos e civis.
- Como definir a participação dos sujeitos na constituição dos direitos.
- Qual a relação entre cidadania, dignidade e direitos humanos.
- Analise sobre os princípios da educação em direitos humanos.

2.2 Dimensões do conteúdo

- **Conceitual:** Os “direitos humanos” são produzidos a partir dos reconhecimentos de diferentes direitos sociais, políticos e civis. O reconhecimento desses direitos permite a universalização da dignidade humana e da constituição dos *sujeitos de direitos*.
- **Social:** A sociedade brasileira é marcada por contradições que indicam a existência de violações de alguns direitos, por meio da existência da desigualdade social, das diferenças econômicas e da exclusão de participação política dos cidadãos.
- **Político:** A consciência política dos sujeitos deve estar pautada numa perspectiva emancipatória e transformadora da sociedade, por isso os grupos sociais que se encontram à margem da sociedade devem participar ativamente da construção de direitos, favorecendo a sua organização de diferentes relações sociais.
- **Filosófica:** A compreensão dos direitos humanos está relacionada à formação de atitudes orientadas por valores humanizados. Entre esses valores são destacados a dignidade da pessoa e a instauração da cidadania, o que serve de

parâmetro ético-político para a reflexão dos modos de ser e agir na sociedade. Nesse aspecto, é importante o desenvolvimento de uma consciência crítica e reflexiva a respeito das relações sociais.

- Cultural: Para que seja consolidada a “educação em direitos humanos”, é preciso uma maior participação dos *sujeitos de direitos* na consolidação de ações afirmativas. Por isso, todas as pessoas independentemente de deficiências, do gênero sexual, da origem nacional, das características étnico-racial, das condições econômicas e das suas escolhas de credo, devem ter a possibilidade de usufruírem de uma educação democrática.
- Histórico: Os processos históricos apontam para situações de violações dos Direitos Humanos, como por exemplo, o amplo processo de implantação de ditaduras militares na América Latina, em especial no Brasil nos anos de 1980. Assim, há a necessidade de um resgate histórico que analise fatos de violações desses direitos que ocorreram em diferentes sociedades, em espaços e tempos diversos, desde o século XVIII.

3. INSTRUMENTALIZAÇÃO

3.1 Ações didático-pedagógicas

Aula 1: A aula deverá começar com a apresentação do tema Direitos Humanos, sendo que é necessário discutir com os alunos a importância e o objetivo da aula.

Aula 2: Apresentar aos aprendizes o conceito de “direitos humanos”, tendo em vista os princípios da Educação em Direitos Humanos previsto no Parecer CNE/CP n. 8/2012 e no Parecer CNE/CP N. 2/2015

Aula 3: Debate com os alunos a respeito da formação dos “direitos humanos” na atualidade, na medida do possível desnaturalizar alguns pré-conceitos estabelecidos sobre temas como cidadania e dignidade.

Aula 4: Leitura dos princípios da EDH descritos no Parecer CNE/CP n. 8/2012, para possibilitar ao educando uma reflexão crítica sobre a participação dos sujeitos na constituição e na garantia dos direitos humanos.

Aula 5/6: Confecção de cartazes sobre o tema Direito Humano, Cidadania e Dignidade. As turmas serão divididas em grupos e cada grupo irá produzir um cartaz que explique o que eles estão aprendendo com as aulas.

Aula 7: Oficina sobre editores de vídeos como Youtube, Sony Vegas, Windows Movie Maker

Aula 8: Confeção do roteiro do vídeo e das entrevistas que os alunos irão realizar.

Aula 9/10: Filmagem e elaboração dos vídeos.

Aula 11/12: Edição dos vídeos e organização para apresentação.

Aula 13: Apresentação dos vídeos. *Assistir com os alunos os vídeos por eles já produzidos, realizando uma análise conceitual de acordo com o objetivo da pesquisa.*

3.2 Recursos humanos e materiais

- Computador;
- Datashow;
- Internet;
- Quadro branco;
- Rádio/ Caixa de som;
- Câmera filmadora;
- Celular;

4. CATARSE

4.1 Síntese mental do aluno

Com a produção dos vídeos, os educandos poderão apreender o processo histórico que desenvolveu os direitos humanos, bem como a relação desses direitos com os contextos internacional, nacional e local. Desse modo, há um reconhecimento dos valores, atitudes e práticas sociais que expressem a cultura dos direitos humanos na sociedade atual. Sendo assim, ocorrerá a formação de uma consciência cidadã capaz de se fazer presente em níveis cognitivo, social, cultural e político. Essa prática permite aos aprendizes o desenvolvimento de ações participativas e de construção de uma consciência coletiva, ao ser analisada a importância da consolidação dos direitos humanos para a vida em sociedade. Como a utilização de diferentes linguagens e materiais didáticos contextualizados, há o fortalecimento de práticas individuais e sociais que podem

gerar ações e instrumentos em favor da promoção, da proteção e da defesa dos direitos humanos.

4.2 Expressão da síntese

A partir dos vídeos os aprendizes poderão aprofundar ainda mais seus conhecimentos sobre “direitos humanos”, já que estão realizando pesquisas sobre o tema e produzindo vídeos em sala de aula como recurso de sistematização do conteúdo. É importante lembrar que uma educação para os direitos humanos tem como objetivo a formação ética, crítica e política de todos os sujeitos sociais.

5. PRÁTICA SOCIAL FINAL DO CONTEÚDO

5.1 Nova postura prática

- Refletir sobre as questões que envolvem a formação dos Direitos Humanos.
- Desejar conhecer outros fenômenos sociais que dialogam com a construção da cidadania.
- Analisar os princípios da Educação em Direitos Humanos e sua relação com o cotidiano vivido.
- Repensar o conceito “dignidade” para entender os objetivos da Educação em Direitos Humanos.
- Considerar as características que definem os direitos sociais, políticos e civis.
- Desenvolver vídeos a respeito do tema apresentado, considerando alguns exemplos de direitos humanos.

5.2 Ações do aluno

A partir dessa aula, o aprendiz pode realizar pesquisas e ler outros textos sobre o assunto, já que começa a olhar de uma nova maneira a constituição dos direitos na sociedade atual. Assim, poderão participar ativamente na construção e na garantia de direitos estabelecidos nas leis.
